

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

BETÂNIA DO CARMO RODRIGUES GOMES

O CORPO NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES DA
COMUNIDADE BOA ESPERANÇA

JOÃO PESSOA – PB

2006

BETÂNIA DO CARMO RODRIGUES GOMES

**O CORPO NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES DA
COMUNIDADE BOA ESPERANÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós- Graduação em Educação da Universidade
Federal da Paraíba, como exigência parcial para
obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Iraquiton de Oliveira Caminha

João Pessoa – PB
2006

BETÂNIA DO CARMO RODRIGUES GOMES

**O CORPO NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES DA
COMUNIDADE BOA ESPERANÇA**

Dissertação aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha (UFPB – Orientador)

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado (UFPB – Membro)

Prof. Dr. José Pereira de Melo (UFRN – Membro)

JOÃO PESSOA – PB

2006

Dedico esta dissertação a minha menininha amada, Talita das Graças que está com um aninho, pois me acompanhou durante as aulas, crescendo e se desenvolvendo no meu ventre. Que você cresça e se fortifique diante de Deus e do homem. Seja cheia de sabedoria e que o espírito do Senhor repouse sobre si.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus Uno e Trino. O único Deus verdadeiro, cujas promessas não falham. A ele toda Honra e toda Glória, pois foi a sua Palavra que me ungiu e me fortaleceu, me dando o consolo necessário para prosseguir o árduo caminho desta pesquisa.

Ao professor Drº Iraquitan de Oliveira Caminha, que tornou possível esta dissertação com sua competente orientação e acompanhamento nos momentos de incerteza e dúvidas.

Aos professores Drº Charlinton José dos Santos Machado e Drª Adelaide Alves Dias pela fundamental colaboração durante o exame de qualificação.

Ao Monsenhor Marcos Augusto Trindade e ao professor Paulo Andréola pela credibilidade que depositaram em mim, dando-me a oportunidade de realizar o sonho de cursar esse Mestrado.

Às mulheres da Comunidade Boa Esperança que me ensinaram a valorizar mais a autenticidade do corpo e de seus cuidados, por meio de suas falas e depoimentos.

À Professora Socorro Menezes que enriqueceu essa pesquisa com a revisão metodológica do texto.

A todos os professores do Mestrado que, através de suas disciplinas me deram a oportunidade de escolher e decidir os melhores caminhos de realização do meu trabalho.

A todos os meus colegas de sala de aula pelo apoio e incentivo durante os estudos em grupo e durante a minha gestação.

Aos meus amados pais pelo incentivo, coragem, exemplo de determinação e perseverança e em especial a minha amada mãe Maria do Carmo que sempre me acompanhou com suas orações e seu carinho.

Ao meu esposo Manasses pelo amor, apoio, paciência e dedicação do início ao fim da minha caminhada em busca da realização deste sonho, permanecendo ao meu lado nos momentos difíceis e também alegres.

A Gerônimo Vilar pelas orações e palavras de ânimo, não só durante esta fase de término do curso, mas por me acompanhar em cada etapa da minha vida com a paz de Jesus e serenidade que transmite.

RESUMO

Fundamentando suas análises nos pressupostos que dão sustentação às representações sociais, este estudo considera que o modo como as mulheres investigadas vêem o seu corpo é consequência das interações envolvendo simbolizações inerentes ao seu universo simbólico, isto é, esta concepção é forjada no contexto da sua vida social e é, portanto, produto desta. Admite, portanto, que o corpo feminino, bem como os padrões de beleza corporal são considerados como uma das dimensões da cultura que, com o apoio da tecnologia da informação posta ao serviço de divulgação dos produtos de consumo, atua em busca da performance desejada. Esse corpo é, também, responsável pelo processo relacional ser-mundo e, como tal, expressa a existência concreta do grupo de mulheres investigadas, cuja configuração demonstra o seu sentir, pensar, agir, imaginar, desejar e reagir, elementos essenciais à formação das representações sociais. Tendo como objetivo analisar as representações sociais das mulheres da comunidade Boa Esperança, acerca da importância dos cuidados que elas têm com o seu corpo e do saber que orientou e fundamentou estes cuidados, este estudo, admitiu como pressuposto que as representações sociais são construções resultantes das apreensões que os sujeitos fazem do meio a partir de suas interações e relações sociais. Através da análise qualitativa envolvendo o conteúdo das categorias temáticas corpo como manifestação de vida e existência; corpo como expressão cultural e corpo como prática de cuidado, o estudo conclui que as mulheres investigadas aprenderam a cuidar do corpo com as mães, com pessoas da família e também mediante o emprego de informações obtidas através da mídia tratando da beleza e da moda, sofrendo influência da propaganda que, atesta a soberania do mercado, ao mesmo tempo em que vende os produtos destinados aos cuidados do corpo. Em síntese, a falta de cuidados com o corpo é para essas mulheres, motivo de vergonha e inadmissível pois, isso compromete a performance do corpo que a sociedade capitalista cultiva e dissemina como sendo ideal.

Palavras-chave: Corpo. Representação Social. Mulheres.

ABSTRACT

Based on analyses of presuppositions that give support to the social representations, this study considers that the way by which the investigated women see their bodies is the consequence of interactions involving inherent representation of their symbolic universe, i.e., this conception is forged in the context of the social life and is thus a result of this process. It is thus admitted that the female body, as well as its standards, is regarded as one of the cultural dimensions that, with the support of the information technology sent for spreading the news about the service of the consumption products, acts at searching for the desired performances. The body is also in charge of the “world-be” relational process and, as it expresses the real existence of the group of the investigated women, whose configuration demonstrates their way of feeling, thinking, acting, imaging, desiring and reacting, each being essential elements to the formation of the social representations. Aiming at analyzing the social representation of the women of the society community of Boa Esperança, the importance of the cares that they have with their bodies and the knowledge that has guided and founded these cares, this study accounts for the social representations as being resultant constructions of the apprehensions done by the citizens in terms of environment by concerning its social interactions and relations. This study concludes, through the qualitative analysis by involving the content of thematic categories such as body as manifestation of life and existence, body as cultural expression and body as practical care, within which the investigated women have learned to take care of their body following their mothers’ orientation, also other relatives’, as well as by other means of information, for instance: from the media, particularly when it is about beauty and fashion. They also have got influenced by advertisements considered to be very strong for they attest sovereignty in the market and especially when the body care product is being sold at the same time. In summary: these women regard the lack of body cares as a shame and they also think it is unacceptable, once it will compromise their body image, which is kept and spread by the capitalist society and thus regarded as being an ideal.

Key-words: Body. Social. Representation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I TRILHA METODOLÓGICA ADOTADA NA PESQUISA	14
1.1 DELIMITANDO O OBJETO E A PROBLEMÁTICA DE PESQUISA	15
1.2 CENÁRIO DA PESQUISA	18
1.3 SUJEITOS DA PESQUISA	22
1.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	23
CAPÍTULO II A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO QUE PERMITE COMPREENDER O CORPO	29
2.1 NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL	29
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO CONCEITUAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	31
2.3 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A COMPREENSÃO DA CONSTRUÇÃO DO SABER PRÁTICO ENVOLVENDO O CORPO	37
2.4 O CORPO CONCEBIDO SEGUNDO A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	41
CAPÍTULO III A MULHER E A BUSCA DO SIGNIFICADO DO CORPO	46
3.1 CULTURA, GÊNERO E CORPO	46
3.2 A REDESCOBERTA DO CORPO DENTRO DE UMA PERSPECTIVA SOCIAL	51
3.3 VALORES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À IMAGEM CORPORAL	57
3.4 A PRÁTICA DE CUIDADOS E A IMAGEM CORPORAL FEMININA	61

CAPÍTULO IV APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
4.1 CATEGORIA I CORPO COMO MANIFESTAÇÃO DE VIDA E EXISTÊNCIA	70
4.2 CATEGORIA II CORPO COMO EXPRESSÃO CULTURAL	83
4.3 CATEGORIA III CORPO COMO PRÁTICA DE CUIDADO	97
 CONCLUSÕES	 104
 REFERÊNCIAS	 109
 APÊNDICE A	 115
 APÊNDICE B	 116

INTRODUÇÃO

O corpo é considerado como o alicerce dos elementos mais importantes do homem, pois é a base de sua vida e existência, ou seja, é através do corpo que o homem situa-se no mundo. O corpo tomado como objeto de estudo neste trabalho é o corpo feminino, um corpo que requer cuidados especiais para tornar-se adequado aos valores dominantes no contexto da sociedade capitalista na qual vivemos.

A história da nossa civilização mostra que a transição do século XIX para o século XXI não foi marcada apenas pela melhoria sensível na vida corporal do homem, mas envolveu também o poder centralizador da indústria e o enfraquecimento dos ideais democráticos que pudessem ameaçar esse poder.

Esse poder centralizador da sociedade capitalista cuidou de denegrir os valores da experiência pessoal dos seres humanos, incentivando o consumismo, ajustando o cuidar do corpo à rede de controle social que reforça as técnicas de condicionamento corporal as quais educam as pessoas no sentido de buscar orientação sobre o que é melhor para o seu corpo, fora de si mesmas.

Em nossa sociedade, desde a infância até a velhice, somos ensinados a ajustar nossos corpos a modelos externos, os quais são transmitidos de maneira prescrita pela indústria capitalista, criando significados que modelam nossos sentidos, impulsos, percepções, enfim as representações sociais que indicam o que deve ser feito para manter o status revelador do controle externo para que não haja desencaminhamento dos padrões estabelecidos para a estrutura do corpo.

Aqueles que se desencaminham desse padrão de status podem ver-se pressionados pela ideologia social que dita a padronização do corpo, tipos de conduta a adotar, roupas, dietas, condições de vida, modelando o corpo para reproduzir os ideais que

reforçam a rede de controle social para evitar que o corpo assuma uma postura desviante das normas mercadológicas em vigor.

Buscando fundamentar a análise nos pressupostos que dão sustentação às representações sociais, este estudo considera que o modo como as mulheres investigadas vêem o seu corpo é consequência das interações envolvendo simbolizações inerentes ao seu universo simbólico, isto é, esta concepção é forjada no contexto da sua vida social e é, portanto, produto desta.

Dessa forma, o corpo feminino, bem como os padrões de beleza corporal são considerados como uma das dimensões da cultura que, com o apoio da tecnologia da informação posta ao serviço de divulgação dos produtos de consumo, atua em busca da performance desejada. Esse corpo é, também, responsável pelo processo relacional ser-mundo e, como tal, expressa a existência concreta do grupo de mulheres investigadas, cuja configuração demonstra o seu sentir, pensar, agir, imaginar, desejar e reagir, elementos essenciais à formação das representações sociais.

Tendo como objetivo central analisar as representações sociais das mulheres da comunidade Boa Esperança, acerca da importância dos cuidados que elas têm com o seu corpo e do saber que orientou e fundamentou estes cuidados, este estudo, admitiu como pressuposto que as representações sociais são construções resultantes das apreensões que os sujeitos fazem do meio a partir de suas interações e relações sociais.

Para atender ao seu objetivo central, o estudo foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro descreve a sua concepção metodológica, a qual é baseada na abordagem qualitativa envolvendo estudos empíricos. Nele, estão situados o objeto, a problemática, o cenário, os sujeitos, bem como os instrumentos e procedimentos da pesquisa, incluindo a definição das categorias de análise.

O segundo capítulo trata da teoria das representações sociais, situando-a como forma de expressão do conhecimento que permite compreender o corpo. Nele, a noção de representação social é extraída de Moscovici (1978 e 2004) com a finalidade de demonstrar que a representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social e, que, o corpo concebido segundo essa teoria, deve ser compreendido a partir do contexto, da cultura e conduta dos sujeitos nas suas interações sociais.

O terceiro capítulo focaliza a mulher em busca do significado do corpo, situando a análise em torno de algumas reflexões à sociedade capitalista em cuja dinâmica social o corpo é visto sob o prisma econômico indutor de consumo, pois o homem é um produto social e é nesse contexto que ele oprime e disciplina o seu corpo, para atender aos imperativos determinados pelo mercado enquanto indutor da cultura predominante.

O quarto capítulo apresenta e discute os resultados da pesquisa envolvendo as categorias: corpo como manifestação de vida e existência; corpo como expressão cultural; e, corpo como prática de cuidado. Buscou-se com tais análises desvendar as significações e significados envolvendo o corpo, segundo a percepção das mulheres investigadas, considerando a sua dinâmica de vida, os seus valores existenciais e o processo educativo da prática de cuidados com o corpo, situando o corpo como entidade através do qual a cultura da sociedade capitalista se manifesta.

CAPÍTULO I - TRILHA METODOLÓGICA ADOTADA NA PESQUISA

A concepção que serviu de base para a delimitação da trilha metodológica desse estudo é baseada na abordagem qualitativa envolvendo estudos empíricos sobre o cotidiano e sobre a construção da realidade social, enquanto conhecimento mobilizado por pessoas comuns, na comunicação informal da vida cotidiana para tratar da representação social do corpo.

O corpo tomado como fenômeno de estudo e objeto do conhecimento da representação social é o corpo feminino: um corpo modelado para atender aos padrões de consumo ditado pela sociedade capitalista envolvendo as concepções de saúde, beleza e juventude. Isso, segundo afirma Soares (2003, p. 185), ocorre porque:

[...] os corpos são educados por toda uma realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados pelos atos de conhecimento [...]. Com, sua materialidade, corpo educado pela matéria da qual é feito o mundo, circunscreve um retrato da sociedade.

Esse retrato da sociedade revela a soberania do mercado abrindo espaço para que as tecnologias de origens diversas atuem no sentido de modelar o corpo. A tendência é de induzir o consumo voltado para os padrões de beleza corporal determinado pelo mercado e divulgado pelas diversas mídias existentes e que se prestam a essa finalidade.

O aspecto relacionado ao consumo, mas que não é reforçado pela questão cultural, mas é objeto cultural, diz respeito a questões que são dimensionadas pelas tecnologias da comunicação, enquanto paradigma de formação de consumidores no contexto da sociedade capitalista, enquanto referência para o agir em busca da performance desejada.

Conforme destaca Sá (1998, p. 26), as representações sociais, enquanto teoria de base, definidora da trilha metodológica delineada para a elaboração desse trabalho “por seu

poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana”.

A sociedade, segundo a visão de Moscovici (*apud* SÁ, 1998, p. 27), “é uma sociedade pensante”. Entretanto, esse pensamento é controlado por uma ideologia dominante que é produzida e imposta por uma classe social, pelo Estado, pela Igreja ou a escola, de modo que esse pensamento reflete tal ideologia.

Deve-se considerar que as representações sociais referem-se à construção de realidades consensuais e que cada indivíduo manifesta opiniões, apresenta suas teorias, busca significados e respostas para os problemas relacionados a sua vivência cotidiana. Em outras palavras, as representações sociais são tidas como “modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal” (SÁ, 1998, p. 32).

Portanto, o objeto de estudo dessa pesquisa é o corpo feminino, enquanto realidade social representada, seja através de imagens, sonhos ou palavras, responsável pelo processo relacional ser-mundo, expressão da existência concreta do grupo de mulheres investigadas, cuja configuração expressa o seu sentir, pensar, agir, imaginar, criar, desejar e reagir enquanto expressão da representação social do corpo.

1.1 DELIMITANDO O OBJETO E A PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

A delimitação do objeto de pesquisa é de fundamental importância para estabelecer a dimensão de análise envolvendo as categorias definidas e os aspectos relacionais pertinentes. A definição do objeto de pesquisa deve guardar relação com o esquema teórico empregado na fundamentação da análise e com a problemática (BARDIN, 1977).

A delimitação do objeto de pesquisa, no contexto das representações sociais, depende de como se estabelece o esquema conceitual adotado posto que ela depende da objetivação, isto é, conforme Moscovi (1978) depende de uma imagem construída a partir de uma realidade fundamentada em um esquema conceitual materializado com base nas diversas concepções definidas pelos sujeitos investigados.

O corpo feminino com o conjunto de significações predominantes, expressa através de percepções objetivas e intelectuais, reveladoras da compreensão da idéia que liga o objeto de estudo a cada categoria no sentido original definido pelo sujeito, enquanto ser e estar no mundo.

Segundo essa perspectiva, aponta-se também, para a intervenção das representações sociais orientando a análise dos dados em direção ao que é perceptível, ao que é visível ao que define a realidade dos sujeitos investigados em relação ao objeto construído por eles próprios (MOSCOVICI, 2004).

Moscovici (2004, p. 29) adverte que, no estudo do fenômeno das representações sociais, “o pensamento é uma réplica do objeto”. O pensamento é comunicado de modo a expressar a percepção dos fatos e a compreensão do objeto estudado, segundo a visão do sujeito investigado.

Adentrando nos detalhes da escolha do objeto dessa investigação, torna-se necessário destacar a experiência da autora do estudo junto à comunidade Boa Esperança, cenário onde foi conduzida essa pesquisa. O primeiro contato ocorreu há quatorze anos, mediante ação do Programa de Educação Física e Lazer em Ação Comunitária (PEFLAC) desenvolvido através do Curso de Educação Física do Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ, e, durou três anos (1992-1995); nesta fase atuávamos como estagiária do PEFLAC ao mesmo tempo em que cursávamos a graduação no referido curso da citada instituição.

Os laços da pesquisadora com a comunidade tornaram-se mais estreitos entre 1996 e 1997, desta feita na condição de profissional de Educação Física e especializanda em Metodologia do Ensino Superior, participante ativa do PEFLAC e com a curiosidade aguçada sobre as possibilidades de estudos com os moradores dessa comunidade.

O primeiro trabalho que se elaborou envolvendo a comunidade Boa Esperança, foi resultado de cinco anos de atuação e observação nesse cenário de pesquisa. O título do trabalho não poderia ser mais sugestivo, seguindo a trilha das representações sociais: o Ensino da Educação Física: a voz da comunidade Boa Esperança, apresentado na conclusão de Especialização, no qual se propôs a analisar as opiniões da comunidade Boa Esperança sobre o trabalho desenvolvido pela PEFLAC, no período de 1992/95, expressando a voz da comunidade sobre o papel do projeto a partir de entrevistas realizadas com dez crianças e seus respectivos pais, a fim de analisar as questões sobre motivação das atividades físicas e de lazer, sua importância, benefícios alcançados através do programa, mudanças de comportamento observadas nas crianças, melhoria no desempenho escolar entre outras questões.

Este é o segundo trabalho que se realiza nessa comunidade e cuja proposta de pesquisa extrapola o âmbito do ensino da educação física, porém continua retratando a voz da comunidade Boa Esperança. O objeto de estudo escolhido para o referido estudo foi o corpo feminino, nos aspectos gerais da imagem corporal, da higiene, nos cuidados e na observação de como as mulheres dessa comunidade lidam com o corpo, ou seja, buscou-se entender: o que imaginam as mulheres moradoras dessa comunidade acerca de seu corpo e como o representam na situação sócioeconômica em que vivem e na relação de luta diária pela sobrevivência.

Quanto à opção pelo estudo com representação social, encontra ressonância na busca de meios possíveis de fazer ecoar todo o sentido expresso pelos sujeitos investigados

em torno do objeto de pesquisa, tendo em vista o pressuposto de que as representações sociais são construções resultantes das apreensões que os sujeitos fazem do meio a partir de suas interações e relações sociais. Ou ainda, uma representação social é a reelaboração de dado internalizado a partir do ambiente, seja este um acontecimento, uma situação, um objeto, um contexto, uma atitude, uma relação, etc.

Sustentando-se nestas motivações definiu-se a seguinte questão-problema de pesquisa: Quais são as representações sociais das mulheres da Comunidade Boa Esperança, a cerca do seu corpo?

Dando seqüência à definição da trilha metodológica da pesquisa, o problema foi desdobrado em três questões gerais, que passaram a orientar toda a investigação e a análise dos dados empíricos:

1 Quais são as representações sociais das mulheres da comunidade, acerca do significado do seu próprio corpo? (o que é o seu corpo para você)

2Quais os cuidados que essas mulheres têm com o seu corpo?

3Como foi que aprenderam a cuidar e a valorizar o seu corpo?

A partir do problema e questões da pesquisa, definiu-se seu objetivo geral; analisar as representações sociais das mulheres da comunidade Boa Esperança, acerca da importância/ cuidados que têm com o seu corpo e do saber que orientou e fundamentou estes cuidados.

1.2 CENÁRIO DA PESQUISA

A comunidade Boa Esperança é caracterizada, segundo os parâmetros de urbanização atualmente em vigor no Brasil como sendo um aglomerado subnormal, embora

para o senso comum, na esfera das representações sociais, a denominação mais corrente seja favela ou bairro pobre.

A origem dessa comunidade remonta aos anos de 1988 e tem como marco de referência uma reunião realizada pela Fundação de Ação Comunitária (FAC), órgão do governo do Estado da Paraíba, vinculado à Secretaria de Trabalho e Ação Social. Essa reunião foi protagonizada por um grupo de pessoas que moravam ao lado da comunidade Pedra Branca. Elas descobriram que as terras localizadas nas imediações do Parque de Exposição Henrique Vieira de Melo, no bairro do Cristo Redentor, pertenciam ao governo (GOMES, 1997).

Continuando seu argumento, Gomes (1997), destaca que, a partir dessa descoberta, esse grupo tornou a iniciativa de invadir aquele local, em janeiro de 1988. O presidente da Associação dos Moradores da Comunidade Boa Esperança, relatou que, naquele tempo não existia sinal algum de moradia, “era tudo mato”. Atualmente, a Comunidade Boa Esperança possui um número de aproximadamente 700 casas, em cujo espaço convivem famílias com aproximadamente 7 pessoas cada uma.

Em um ano, o terreno foi totalmente invadido. O presidente da Associação continuou seu relato, descrevendo como ocorreu esse processo: as pessoas foram chegando, separando terrenos e construindo casas. No decorrer da invasão, quase sempre ocorria confusão entre os invasores, pois todas as pessoas queriam espaço grande para construir sua moradia.

Com o número crescente de moradores da Comunidade Boa Esperança e com a quantidade de problemas existentes a exigir a solução, foi criada “A Associação dos Moradores da Comunidade Boa Esperança”. Esta associação foi oficializada em 1989 com dez pessoas na direção. Atualmente, a Associação conta com doze pessoas na diretoria. Essa

associação foi fundada por um grupo de pessoas para reivindicar melhores serviços para atender as necessidades da comunidade (GOMES, 1997).

Conforme relato feito por Gomes (1997), um importante papel que a Associação desempenhou nas conquistas da comunidade foram os quatro telefones públicos instalados na comunidade e a definição de paradas de ônibus. Os moradores têm acesso aos ônibus dos bairros do Cristo e da Boa Vista.

Também por intervenção da Associação foi construída uma Igreja Católica e foi reivindicada a colocação de água e luz nas habitações que estavam sendo edificadas. Para viabilizar a participação efetiva por parte dos outros moradores na organização da Associação, foi criado o seu estatuto social e passou-se a adotar a sistemática de que todas as reuniões da Comunidade fossem registradas em Ata.

Gomes (1997) destaca que, verificando-se a condição sóciodemográfica da população ali domiciliada, verificou-se que, em geral, os homens trabalham como pedreiros e as mulheres ganham seu sustento como lavadeira de roupa, enfermeira, professora e auxiliar de serviço. Pela situação financeira dos moradores, é difícil um pai ou uma mãe não trabalhar fora, o que não ocorre com os jovens e adolescentes, cuja remuneração básica desses trabalhadores situa-se em torno de um ou dois salários-mínimos.

Quase todos os moradores da Comunidade Boa Esperança, isto é, aproximadamente 90%, vieram do interior do Estado da Paraíba. Eles trabalhavam como agricultores em sistema de parceria, meia, terça e outras formas de exploração da produção agrícola, usualmente adotadas na Região Nordeste. Porém os problemas de estiagem e o sonho de melhorar o modo de vida numa cidade grande determinavam o êxodo destes agricultores para João Pessoa. Ao chegar na cidade grande, o local encontrado para estabelecer moradia via de regra, são as áreas periféricas, sem infra-estrutura adequada para essa finalidade (GOMES, 1997).

Na Comunidade Boa Esperança há cinco escolas, uma municipal e quatro particulares; três igrejas Evangélicas e uma Católica. As funções destas igrejas através de sua atuação na comunidade são de evangelizar. No entanto, na igreja católica existe uma oficina de artesanato com o objetivo de permitir aos moradores a aquisição de habilidades que contribuem para gerar renda e auxiliar no sustento das famílias.

Informações coletadas junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de João Pessoa indicam que há, também, na comunidade, um Posto de Saúde pertencente ao município. O posto conta com uma equipe composta por um clínico geral, um dentista e quatro enfermeiros. A medicina praticada é a assistência básica preconizada pelo Programa Saúde da Família (PSF), através do qual são oferecidos à comunidade vacinas e medicamentos. O mesmo atende todos os dias, pela manhã e pela tarde, exceto a vacina BCG, que é oferecida nas quartas-feiras. Atualmente, os casos mais frequentes de doenças são “cansaço nas crianças” e a “dengue”, por conta da chegada do inverno (PMJP, 2006).

A comunidade conta com os serviços do correio e tem um bom acesso aos transportes. Não há esgoto na comunidade, existe apenas em algumas casas com fossas. No início da invasão, não havia água e luz, ambas foram puxadas de maneira clandestina. No entanto, após seis meses, a SAELPA e a CAGEPA tomaram providências para regularizar a situação (GOMES, 1997).

As casas da comunidade são, em sua maioria, de tijolos e possuem três cômodos. Existem apenas poucas casas de taipa (barro e madeira). Trata-se, portanto, de uma área urbanizada, tendo, inclusive parte de suas ruas calçadas. Atualmente, a Comunidade Boa Esperança tem reivindicado saneamento básico e segurança pública, como vem ocorrendo em áreas de expansão urbana situadas na periferia de João Pessoa (PMJP, 2006).

A descrição do cenário de pesquisa permite, segundo Bardin (1977), remeter à compreensão do objeto de estudo para um plano cronológico, pois a análise de conteúdo toma

como modelo, as ilustrações que permitem a compreensão do pensamento, do olhar lançado pelo sujeito em torno do objeto estudado, inclusive dos estereótipos, enquanto imagem espontânea da realidade objetiva ou percepção real dos elementos simbólicos, objeto da investigação proposta.

Deve-se atentar para a seguinte observação feita por Bardin (1977, p. 10), dando conta de que “os processos de análise de conteúdo obrigam a observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa”. Tal observação permite inferir-se que a análise de conteúdo não se configura como um procedimento intuitivo e aleatório, mas como um processo cujos requisitos passam a ser o conhecimento amplo do contexto, considerado como cenário de pesquisa, e dos sujeitos investigados.

1.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa no estudo das representações sociais são responsáveis, segundo Moscovici (1978) pela identificação e comunicação do conceito e da realidade, cabendo ao investigador, através de procedimento sistemático de análise, atribuir ao conteúdo um significado científico.

O sujeito investigado pertence a um grupo social específico, ou seja, ele vivencia uma realidade objetiva que confere à representação social um status de evidência empírica. Assim sendo, compete ao pesquisador estabelecer o núcleo do pensamento emitido pelo sujeito, classificar e denominar as categorias de estudo. O conteúdo do discurso é, portanto, a descoberta da análise científica (MOSCOVICI, 1978).

Com base nessas considerações, foram tomadas como sujeitos desta pesquisa doze mulheres da comunidade Boa Esperança, escolhidas segundo o critério de participação,

conhecimento, apoio e acompanhamento das crianças e/ou de seus filhos no projeto PEFLAC . Esse critério de definição dos sujeitos é indicativo de que a interpretação das respostas dadas pelos sujeitos sofre interferência do papel que cada um deles desempenha na sociedade e a imagem que cada um formula sobre o objeto de estudo.

O quadro que segue mostra uma síntese das principais características de cada um dos sujeitos investigados envolvendo os seguintes aspectos: nome, idade, local onde nasceu, grau de escolaridade e profissão.

Sujeito	Idade	Local onde nasceu	Nº de filhos	Escolaridade	Ocupação
E1	44 anos	Baraúna	02	Assina o nome	Secretária do lar
E2	50 anos	João Pessoa	03	8ª série	Dona de casa
E3	31 anos	Arara	03	4ª série	Dona de casa
E4	39 anos	Sapé	02	Ensino Médio	Dona de casa
E5	45 anos	João Pessoa	---	3ª série	Dona de casa
E6	43 anos	Abreu e Lima (PE)	---	4ª série	Secretária do lar
E7	22 anos	João Pessoa	---	4ª série	Secretária do lar
E8	28 anos	João Pessoa	---	5ª série	Garçonete
E9	22 anos	Areia	---	3ª série	Dona de casa
E10	26 anos	João Pessoa	---	4ª série	Dona de casa
E11	60 anos	Cachoeira de Tacima	---	3ª série	Dona de casa
E12	60 anos	Solânea	---	1ª série	Cozinheira

1.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A parte operacional da coleta de dados exigiu o emprego dos seguintes instrumentos: observação sistemática do cotidiano das mulheres da comunidade Boa Esperança e da relação destas com o seu corpo no que concerne aos aspectos evidenciados nos objetivos da pesquisa.

Para Moscovici (1978), esse procedimento metodológico confere ao pesquisador um status que inspira confiança, favorecendo a análise do objeto de estudo por

parte do sujeito investigado. Trata-se, portanto de um procedimento adequado para ser aplicado ao corpo feminino tomado como objeto de estudo nesse trabalho.

Tomando como referência o problema, as questões de pesquisa e a definição do objetivo geral, determinaram-se outros instrumentos e procedimentos utilizáveis na construção da aludida investigação. Assim sendo, com o propósito de levantar informações referentes à caracterização sócioeconômica da Comunidade Boa Esperança- desde a sua origem até o número de moradores da comunidade, utilizou-se de um roteiro de entrevista estruturada aplicada junto aos líderes da comunidade e representantes da Diocese local.

Para atender a essa finalidade, foi montado um estudo piloto no dia 20 de abril de 2005, no qual os instrumentos foram mais precisamente elaborados, testados e ajustados. Esse procedimento metodológico possibilitou um resgate da familiarização da pesquisadora com a comunidade através do reencontro com os moradores, com as mães e com as crianças que participaram do projeto PEFLAC. Ao mesmo tempo em que permitiu que as questões da entrevista fossem delineadas, de modo a contemplar quatro pontos: identificação (nome, idade, escolaridade, profissão); significado do corpo para si mesmo; cuidados em relação ao seu corpo; saber que orientou esses cuidados.

As entrevistas foram realizadas individualmente no período compreendido entre os dias 20/04 a 04/05/05, sendo que, dentre elas, seis foram feitas em suas respectivas moradias e as seis últimas foram realizadas na Igreja Evangélica situada na comunidade. Utilizou-se a gravação de áudio para o registro de conteúdo das respostas em fita cassete. Cada entrevista teve a duração média de 15 minutos. De posse das entrevistas gravadas, passou-se à etapa seguinte: a transcrição com vistas a organizar o material para análise.

Considerando a natureza do trabalho, definida pelas questões e objetivo de pesquisa, como também pelo aporte teórico que a sustenta - a teoria das representações sociais - optou-se por tratar os dados a partir do método da “Análise de Conteúdo”. Isto por entender-

se que a análise de conteúdo refere-se a “um conjunto de técnicas de análise de comunicação que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p.38).

Tal definição é coerente com o aporte teórico que sustenta o referido estudo, tendo em vista a constatação de que a análise de conteúdo além de buscar a melhor compreensão de uma mensagem ou discurso, centra-se nos seus momentos mais significativos, possibilitando examinar as respostas e estabelecer o encadeamento de associação pertinente a cada categoria estudada.

O procedimento de tratamento e análise dos dados levou em consideração a natureza construcionista da teoria das representações sociais, isto é, a indissociabilidade entre sujeito e objeto, pois a análise é construída na dependência da forma como o sujeito estrutura a sua resposta, isto é, a representação que ele faz do objeto. Tais requisitos de análise, conforme deduz Sá (1998), por sua vez estão condicionados à identificação entre o sujeito e o objeto, para que a teoria das representações sociais possa configurar-se como um modelo de análise consistente.

Os estudos empíricos envolvendo as representações sociais parte do pressuposto de que o sujeito investigado é um produtor de sentido, pois é ele quem dá significado à sua experiência social a qual é demonstrada através do discurso. Assim sendo, conforme ressalta Bardin (1977) é preciso criar categorias a partir das unidades de registro e de contexto as quais devem guardar relação com os objetivos e com o problema da pesquisa.

Fazer análise de conteúdo implica em compreender a mensagem do discurso emitido pelo sujeito, procurando-se identificar os aspectos mais significativos, isto é, fazer análise de conteúdo é identificar os temas ou núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja frequência é carregada de significação para o objetivo da análise proposta (BARDIN, 1977).

O processo analítico desse estudo foi organizado em torno do objeto referente, isto é, em torno de temas-eixos que permitiu a organização do discurso. Utilizou-se também a unidade de contexto como mecanismo que permitiu codificar a unidade de registro e a compreensão exata da mensagem. Assim sendo, considerou-se as unidades de registro e de contexto, bem como o objeto ou referente como os instrumentos mais adequados à análise proposta.

A estratégia utilizada na codificação da mensagem foi inspirada em Bardin (1977) estabelecendo-se um código para identificar cada sujeito emissor do discurso, outro para relacionar o número da questão tratada em cada ponto. A configuração da sistematização dessa codificação assumiu o seguinte formato destacado para efeito de exemplificação: E11: 1 onde E11 corresponde ao entrevistado nº 11; 1 refere-se ao primeiro ponto da entrevista.

Não foi identificado no processo de codificação das respostas, discurso considerado incompleto ou insatisfatório deixando entrever, conforme Sá (1998), que houve uma identificação lógica do sujeito com o objeto de pesquisa, sendo este um dos requisitos essenciais para estudos empíricos envolvendo as representações sociais.

Após a codificação do conteúdo das entrevistas procedeu-se à fase subsequente do procedimento metodológico atinente à análise de conteúdo que consistiu na classificação e agrupamento deste em quadros com base na referência de numeração anteriormente estabelecida, sobretudo por tratar-se, conforme Bardin (1977, p. 113), de elementos associados “numa manifestação da linguagem e que estão (ou estarão) igualmente associados ao espírito do locutor (ou do destinatário)”.

É pertinente observar a seguinte colocação feita por Bardin (1977, p. 114), dando conta de que “a análise de conteúdo é utilizada como instrumento de diagnóstico [...]. Deve-se considerar também a essencialidade da compreensão da realidade comunicada”.

Assim, sendo, a organização dos quadros possibilitou que se procedesse uma leitura mais depurada dos conteúdos e, posteriormente, a definição das categorias.

O objetivo da categorização, segundo Bardin (1977, p. 119) é de “fornecer por condensação uma representação simplificada dos dados brutos”. Entretanto, é preciso considerar que o procedimento por milha envolve a observância das seguintes qualidades para definir a grelha de categorias: exclusão múltipla para evitar ambigüidade; homogeneidade, cada categoria só deve ter um registro e uma dimensão de análise; pertinência, considerando o material de análise e o quadro teórico definido previamente; objetividade e fidelidade; para evitar distorções e para que a escolha das categorias seja feita adequadamente; e, produtividade para que os resultados permitam a análise desejada.

Seguindo esse procedimento, obteve-se a definição de três categorias temáticas: categoria I corpo, como manifestação de vida e existência; categoria II corpo, como expressão cultural; e, categoria III corpo como prática de cuidado. A escolha dessas categorias teve como suporte a codificação, sendo, entretanto, definida com base “nas significações que a mensagem fornece” (BARDIN, 1977, p. 135).

O tratamento dos dados, consistindo na análise do conteúdo propriamente dita, orientou-se em duas direções: uma voltada para as representações sociais, enquanto suporte teórico de análise e, outra, voltada para a compreensão do corpo enquanto objeto ou referente. Esse direcionamento encontra respaldo nas unidades de registro e de contexto, considerando a pertinência da relação entre o objeto de estudo, o discurso do sujeito e os objetivos da pesquisa.

Todos os resultados obtidos foram considerados significativos e válidos, permitindo deduções específicas para cada categoria e unidade de resposta emitida. Assim sendo, pode-se afirmar que, sob o ponto de vista técnico, a análise proposta configurou-se como sendo essencialmente temática com abordagem de natureza qualitativa.

Não há registro de dificuldade na condução do processo de análise, dado que não houve necessidade de recorrer a dados complementares, obtidos por outras técnicas de investigação, além da análise de conteúdo. Isso se deveu à facilidade de comunicação para com os sujeitos de investigação, bem como a lógica simbólica subjacente ao objeto de estudo e por estes sentirem-se confiantes e estabelecer uma relação afetiva, influenciando positivamente na coleta de dados, sendo uma motivação para fornecer respostas consistentes as quais permitiram obter-se um resultado bastante satisfatório.

CAPÍTULO II - A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO QUE PERMITE COMPREENDER O CORPO

2.1 NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A noção de representação social pressupõe a existência do homem na condição de ator social e o entendimento de que o comportamento social é regulado por normas, ou seja, a vida em sociedade permite que cada indivíduo aprenda formas de comunicação e regras para convívio, que, por meio delas, o indivíduo adquire conhecimento acerca de si e do mundo, dando-lhe significação, ao mesmo tempo em que constrói a sua identidade, a sua forma de compreender a realidade que o cerca.

Segundo afirma Moscovici (1978, p. 45), a representação social é “própria da nossa sociedade e de nossa cultura”. Isso significa entender que existe uma rede de relações que vincula o conceito e a percepção para expressar o conteúdo do conceito percebido. O comportamento social é dinâmico, através dele cria-se expectativas em torno de determinadas regras que são aprendidas, experimentadas e constantemente reformuladas, pois estes são reflexos da cultura de uma sociedade particular, isto é, do processo social de construção do sentido.

Desse modo, segundo Moscovici (1978), as representações sociais prestam-se à compreensão do contexto social, em face do seu poder prescritivo sobre a realidade revelando o pensamento, tal como este se desenvolve, no ambiente da vida cotidiana. Em outras palavras, as representações sociais sobre o objeto de estudo, posto que a representação é uma construção do sujeito como sujeito social.

A representação social é definida pelo seu conteúdo, incluindo informações, imagens, opiniões e atitudes que expressam a apreensão do mundo concreto da vida cotidiana do sujeito social, mostrando dessa forma o seu modo de pensar e de situar-se diante de determinados conceitos.

O homem é um ser social e como tal seu pensamento se dá de forma conceitual, para poder atribuir significado e sentido ao objeto, à realidade. Cumpre destacar que “pensar conceitualmente não é apenas isolar e agrupar os caracteres comuns a um certo número de objetos; é subordinar a variável ao permanente, o individual ao social” (DURKHEIM, 1912 *apud* MOSCOVICI, 1978, p. 42).

A noção de representação social pressupõe o mundo concreto, circunscrito à vida pessoal enquanto condicionante do pensamento, gerador de conceitos, uma vez que o seu valor simbólico emerge como uma forma em que o sujeito adquire uma capacidade de definição, ou seja, os referenciais do próprio sujeito são utilizados para expressar simbolicamente seu conhecimento prático que se encarrega de fazer a conexão entre o sujeito e o objeto considerado.

A representação social pressupõe a compreensão do fenômeno estudado na perspectiva da sua concepção conceitual traduzida sob a óptica do sujeito social investigado: compreender, conforme diz Moscovici (2004, p. 30) “consiste em processar informações [...] compreender a realidade completamente”. Isso significa entender, portanto que a noção de representação social releva a forma como cada sujeito social percebe o mundo, a realidade que o cerca, considerando as suas vivências e experiências.

Todas as interações humanas pressupõem representações. Nesse sentido, a interação deve ser considerada como característica central das representações, enquanto produto da comunicação, das ações e reações: “pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação” (MOSCOVICI, 2004, p. 41). A representação

social condiciona o comportamento social por constituir-se numa realidade social, devendo ser vista como uma forma específica de perceber, compreender e reproduzir a realidade de uma forma significativa.

Cumpre-nos destacar que “[...] a sociedade é uma criação visível, contínua, permeada com sentido e finalidade [...]” (MOSCOVICI, 2004, p. 51). Do mesmo modo que existem regras e regulamentos preestabelecidos dentro do sistema social de cada sociedade os quais são validados por evidências empíricas que dão forma e explicam os objetos e acontecimentos, tornando-os acessíveis a qualquer pessoa, na medida do seu interesse e importância.

Assim sendo, o mundo cujos objetos não são considerados interessantes, nem importantes são tratados negativamente e rotulados como sendo irreal. Essa forma de ver o mundo é consequência de uma realidade histórica, concreta, determinada pelas representações sociais, caminhando no sentido abstrato para o concreto, revelando o conhecimento do mundo, segundo a concepção dominante da idéia de representação social, cujo sentido e abrangência passa a ser alvo de discussão na sequência dessa abordagem.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO CONCEITUAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais fazem com que o mundo seja o que o indivíduo pense o que ele é ou deve ser. As representações sociais são formas de conhecimento e, como tal, constituem uma vertente teórica da psicologia social que, conforme Spink (1993) faz contraponto com as demais correntes da filosofia, da história, da sociologia e da psicologia cognitiva que se debruçam sobre a questão do conhecimento.

Situada nessa perspectiva, as representações sociais são consideradas, no seu aspecto conceitual, um campo transdisciplinar, dada a sua abrangência configurada na interface dos fenômenos individual e coletivo, interessando, portanto, a todas as ciências humanas. Essa constatação, conforme aponta Jodelet (1989 *apud* SPINK, 1993), torna explícita as múltiplas dimensões do campo de estudo das representações sociais.

Antes de aprofundar a discussão em torno dos dois eixos principais envolvendo o campo de estudo das representações sociais é conveniente esboçar algumas considerações sobre a forma como se deu a sua evolução conceitual. Trata-se de um conceito que se presta à contextualização de experiências concretas, isto é, fenômenos próprios da sociedade contemporânea e que foi desenvolvido a partir da filosofia de Durkheim (1912 *apud* MOSCOVICI, 2004), ao considerá-lo como um aspecto integrante da vida social, do cotidiano da sociedade.

Para Durkheim (1912 *apud* MOSCOVICI, 2004), as representações sociais constituem-se em uma das vias de apreensão do mundo concreto. Em outras palavras, as representações sociais, do ponto de vista de sua concepção teórica original, tratam o sujeito como produto e produtor da realidade social simultaneamente, pois, conforme ressalta Spink (1993, p. 303), “as representações são sempre construções contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam”.

Para entender o fenômeno das representações sociais deve-se considerar que “nós percebemos o mundo tal como é e todas nossas percepções, idéias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos” (MOSCOVICI, 2004, p. 30).

Argumentando a esse respeito, Durkheim (1912), o primeiro teórico a formular o conceito de representação social, considera que as representações resultam de expressões

dos sujeitos as quais encontram ressonância nas forças que emanam das instituições sociais, ou seja:

[...] nossas experiências e idéias passadas não são experiências ou idéias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e idéias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente. O poder e a clareza peculiares das representações, isto é, das representações sociais- deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe (MOSCOVICI, 2004, p. 38).

Saliente-se a pertinência da observância de que o conceito de representação social tem suas raízes na sociologia, pois trata-se de um conceito criado por Durkheim (1858-1917), cujo emprego tem sido amplamente empregado na antropologia, na psicologia social e também na educação quando se toma como objeto de estudo sujeitos sociais que constroem seu conhecimento com base na sua experiência sócio cultural (ARRUDA, 2002).

Embora seja um conceito oriundo da sociologia, conforme destaca Arruda (2002), as representações sociais se caracterizam como um conceito que consolidou-se como teoria na Psicologia social, a partir do trabalho desenvolvido por Serge Moscovici e aprofundado por Denise Jodelet. É importante mencionar que essa teoria passou a servir de base para trabalhos desenvolvidos em outros campos do conhecimento a exemplo da saúde, da educação, da didática, do meio ambiente e, ainda continua seu percurso evolutivo, apresentando, inclusive, propostas teóricas diversificadas.

A psicologia social, situada como forma de expressão do conhecimento que permite compreender o corpo, utiliza como objeto de estudo a relação indivíduo - sociedade para tratar teoricamente as representações sociais, ou seja:

[...] ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultura etc, por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, como interagem sujeitos e

sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria- que sem dúvida, passa pela comunicação (ARRUDA, 2002, p. 128).

A matriz que originou a teoria das representações sociais foi construída por Moscovici, em 1961, na sua obra intitulada *La Psychanalyse: son image et son public* e, causou na época um pequeno impacto que não gerou desdobramentos significativos. Argumentando a esse respeito Arruda (2002, p. 129) tece o seguinte comentário:

[...] A perspectiva moscovicianiana permaneceu encerrada no Laboratório de Psicologia Social da *École de Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris, e nos laboratórios de colegas como Claude Flament, Jean Claude Abric, no sul da França, e outros também interessados por ela, de forma mais dispersa, na Europa. A teoria aparentemente não vingou de imediato, fazendo sua reaparição com força total no início dos anos 80.

No seu nascedouro, a teoria das representações sociais, contrariava o paradigma, então vigente nas áreas da psicologia e nas ciências sociais. Isso ocorreu, porque, na psicologia, o enfoque prevalecente era sintetizado no behaviorismo, ao passo que a pesquisa desenvolvida por Moscovici (1961) era voltada para fenômenos marcados pelo subjetivismo, captados indiretamente e cujo estudo se baseava em metodologias que habitualmente não eram empregadas nesse caso de pesquisa, posto que o seu resultado, por depender da interpretação do pesquisador, fugia aos preceitos usuais considerados normais e aceitos pela crítica intersubjetiva nesse período histórico.

De outro lado, observando-se a existência de outras contribuições na área das ciências sociais as quais foram decisivas para que essa mudança no paradigma científico então vigente pudesse ocorrer. No entender de Jodelet (2002), uma das mudanças mais significativas ocorridas nessa direção se deve à presença de uma determinada leitura do marxismo cuja tendência era de atrelamento do desenvolvimento superestruturado à infraestrutura, deixando poucas brechas para a autonomia desta, modificou-se totalmente a partir

do momento em que Althusser lançou a sua obra “aparelhos ideológicos do Estado, pois foi a partir desse marco referencial que começou a surgir uma certa diversidade de produção de pontos de vista dentro de uma mesma classe social, afrouxando o determinismo da infraestrutura até então inquestionável por ser o paradigma vigente”.

Na concepção de Sader (1988), essa retrospectiva histórica não faria sentido sem a consideração de que o período que vai do fim dos anos 60 ao início dos 80 coloca em cena novos personagens, os quais caracterizam-se como atores sociais que explicitam energicamente suas demandas cujo subjetivismo propõe à ciência que sejam introduzidos novos conceitos para serem incorporados na análise da realidade, a exemplo desse estudo cuja proposta foi de analisar o corpo na representação social das mulheres da comunidade, Boa Esperança na Paraíba, o qual permitiu a construção de novas categorias como é comum nos estudos desse tipo.

Considere-se ainda a pertinência da seguinte observação feita por Arruda (2002), a produção científica não ocorre de forma isolada do contexto social, de modo que a psicologia social não poderia ficar alheia às questões colocadas pela sociedade, daí porque a teoria das representações sociais teve que operacionalizar um novo conceito que lhe permitisse trabalhar com o pensamento social, considerando não só a sua dinâmica, como também a sua diversidade.

O ponto de partida para a operacionalização desse novo conceito é descrito por Arruda (2002, p. 129-130), nos seguintes termos:

Partiu da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, prementes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principal na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo retificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes são eficazes e indispensáveis

para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

Sob este prisma não há como negar a afirmação feita por Berger e Luckmann (1978), ao considerar que o que Moscovici (1961) avança, com essa sistematização, representa uma reabilitação do senso comum, do conhecimento popular, da realidade cotidiana e do conhecimento dito “pré-teórico”. Acrescente-se a isso a constatação de que esses saberes configuram-se como ponto de partida para a produção do conhecimento científico, metodologicamente sistematizado e ancorado em base teórica condizente com o objeto ou fenômeno estudado pelas diversas vertentes da ciência.

Há de se considerar, também que, Moscovici e Maekova (1998) questionam a racionalidade científica, quebrando o paradigma que considerava visão expressa pelo senso comum como uma forma de pensar irracional, afirmando que essa abordagem é compartilhada pela sociedade como um todo, oriunda da realidade cotidiana, enfocando os acontecimentos em uma linguagem que reconstrói as relações e as habilidades cotidianas.

Não é intenção deste estudo polemizar a esse respeito, e sim, tão somente, mostrar que a biografia do próprio Moscovici (1997) confirma que a mola propulsora de sua pesquisa é a própria história de sua vida, dado que esse teórico das representações sociais foi testemunha ocular da opressão nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

Esse evento fez com que esse teórico formulasse algumas questões básicas que serviram de sustentáculo para a construção do seu argumento teórico em torno das representações sociais. São elas: por que a fé remove montanhas? Como é possível que os seres humanos se mobilizem a partir de algo que aparentemente supera a razão? Como é possível que sejam conhecimentos práticos a base para que eles vivam suas vidas?

No entender de Arruda (2002), a resposta a essas questões que constam na obra original de Moscovici (1961) representa um divisor de água, uma fronteira entre razão e senso

comum, razão e emoção, sujeito e objeto, sobretudo porque a realidade é uma construção social, do mesmo modo que o conhecimento é uma construção do sujeito o qual surge atrelado ao seu contexto social.

É com base nessa concepção que Moscovici (1961) propõe uma psicossociologia do conhecimento, com forte apoio sociológico, sem, entretanto, deixar de considerar os aspectos subjetivos e cognitivos que lhe são inerentes, haja vista que a teoria das representações sociais não separa o sujeito social e o seu saber concreto do seu contexto, do mesmo modo que a construção desse saber não pode se desvincular da subjetividade.

2.3 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A COMPREENSÃO DA CONSTRUÇÃO DO SABER PRÁTICO ENVOLVENDO O CORPO

De onde vem o conhecimento? Essa questão é fundamental para o entendimento da relação entre o conceito de representações sociais e da construção do saber prático. De acordo com Mattos (1995), só é possível conhecer porque trazemos, como herança genética, na forma de pré-concepções, uma matriz que irá permitir, em contato com a experiência, uma comparação, um cotejo, um reconhecimento. Essa herança genética é, portanto, responsável pelas pré-concepções e também pelos mecanismos de identificação projetiva.

Ocorre que o conhecimento é inerente ao homem, havendo a possibilidade de se desenvolverem conceitos e idéias, por meio de experiências, como ocorre com a teoria das representações sociais a qual foi formulada para mostrar que:

A representação social seria uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um

processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização das tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel (ARRUDA, 2002, p. 134).

As representações sociais têm como desaguadouro a comunicação e seus múltiplos canais que a reforçam, ou seja, a conversação é o veículo mais importante da preservação da realidade. A conversação é uma atividade experimental das coletividades. Na comunicação, o objeto social é apreendido a um nível de infracomunicação cujo papel é de permuta; de integração recíproca; de intercâmbio, de atitudes, cacoetes e estilos de expressão, os quais contribuem para que ocorra ampliação do saber.

O saber é transmitido de modo a contribuir para modificar as percepções, pois o detentor do saber é detentor do poder. Assim sendo, deve-se admitir que a aceitação de um conhecimento implica, então, a dependência em relação ao grupo que nele se identifica e se protege sob seu nome, numa relação dissimétrica porque não há simetria, ou seja, tudo o que as pessoas fazem, ou dizem, parece ter um sentido, intenção, propósito oculto que nós tentamos descobrir (MOSCOVICI, 1978).

A questão a ser colocada agora é a seguinte: como se forma a representação de um objeto social? Ou então, quais os processos de elaboração de uma representação social? De acordo com Moscovici (1978), os processos fundamentais a considerar na elaboração de uma representação social são dois: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação torna real um esquema conceitual, contribuindo para que se dê a uma imagem uma contrapartida material mediante uma certa flexibilidade cognitiva através da operacionalização do ciclo das infracomunicações, uma vez que os signos lingüísticos acham-se ligados a estruturas materiais e é através deles que se acopla a palavra à coisa representada.

Objetivar, segundo afirma Moscovici (1978, p. 111) é “reabsorver um excesso de significações materializando-as. É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo”. A objetivação depende de dois processos ou operações essenciais: naturalizar e classificar. O primeiro processo ou operação consiste na reprodução cognitiva da realidade imaginária, ou seja, isso implica em tornar o símbolo real mediante determinados atributos que são aprendidos. O segundo determina os aspectos predominantes da realidade, separando os atributos, de acordo com o esquema de referência instituído pela sociedade.

Moscovici (1961, p. 26) considera que o processo social consiste em um processo que envolve familiarização do sujeito para com o sujeito objeto através do qual:

Os objetos e os indivíduos vêm a ser compreendidos e distinguidos na base de modelos ou encontros anteriores. A predominância do passado sobre o presente, da resposta sobre o estímulo, da imagem sobre a “realidade” tem como única razão fazer com que ninguém ache nada de novo sob o sol. A familiaridade constitui ao mesmo tempo um estado das relações no grupo e uma norma de julgamento de tudo o que acontece.

O que se verifica, com base no argumento acima exposto, é que o sujeito amplia a sua categorização e o objeto se circunscreve ao repertório do sujeito, o qual se modifica pelo conhecimento que vai sendo acrescentado cotidianamente. Entretanto, convém observar que uma representação social não é uma cópia da realidade e sim um processo que torna o conceito e a percepção intercambiáveis, pois ambos são interdependentes e, como diz Jodelet (2002, p. 22), as representações sociais “são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Faz-se oportuno ressaltar o lembrete feito por Jodelet (2002), de que a representação social deve ser estudada articulando elementos afetivos, mentais e sociais os quais devem integrar, ao lado da cognição, da linguagem, da comunicação, as relações sociais

que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual as idéias vão intervir.

Para tratar da representação social como saber prático, segundo Jodelet (2002), três questões são fundamentais: quem sabe, e a partir de onde sabe? O que e como se sabe? Sobre o que se sabe, e com que efeito? Essas questões fornecem os indícios necessários para se compreender que toda representação se origina em um sujeito, seja ele individual ou coletivo, e se refere a um objeto.

Dito de outra forma: toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo. Toda representação é representação de alguém ou de alguma coisa e aquele que a formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo.

Assim sendo, as condições que propiciam a produção das representações sociais são as seguintes: a cultura, a comunicação e a linguagem além da inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica do sujeito social que as produz.

O corpo, como compreensão do saber prático, envolvendo o conceito de representação social, é o veículo de ser no mundo, é a pessoa viva, é a forma encontrada pelo sujeito para articular-se com o mundo, conforme demonstra Merleau Ponty (1989).

Na condição de ser-no mundo o homem adquire consciência do seu corpo, encontrando através dele forma de expressar o sentir, o agir e o pensar (GONÇALVES, 1997). O homem é um ser existencial e corpóreo, isto é, que está aberto ao mundo, sem o qual ele não existe.

Na experiência do homem com o mundo, os seus pensamentos, sentimentos e ações adquirem significado peculiar, a partir do contexto em que este vive e que lhe dá consistência do seu ser. Cada indivíduo vive experiências que se renovam, se transformam e reestruturam as experiências anteriores. A forma de o homem relacionar-se com o seu corpo

dá o sentido a essa experiência que anima o seu corpo o qual, por sua vez, sente e percebe, vive e experimenta os estímulos sensíveis que dão sentido ao seu existir.

Gonçalves (1997, p. 103) diz que “no nosso ciclo vital que vai do nascimento à morte, nosso corpo se transforma e, com ele, o nosso ser”. Isso explica as nossas possibilidades de atuar no mundo, desenvolvendo diversas formas de expressão corporal de sentimentos e valores, seja através do olhar de sentimentos e valores, seja através do olhar, do sorriso, das mãos, da postura, ou através da forma encontrada pelo corpo para dar sentido à expressão de sua emoção, dos sentimentos e de sua posição no mundo.

2.4 O CORPO CONCEBIDO SEGUNDO A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Entender o sentido do corpo na perspectiva da teoria das representações sociais implica em considerar a relação deste com a mente, em termos de objetividade capaz de validar o objeto da representação, no plano externo ao sujeito. O corpo assim concebido é representável porque se presta à objetivação, pois, conforme Moscovici (2004), os fenômenos de representação social pertencem ao ambiente de pensamento da vida cotidiana e, portanto, englobam numerosos e diversos assuntos bem como grupos numerosos de sujeitos conhecedores desses assuntos.

Ao relacionar o estudo do corpo à teoria das representações sociais, deve-se considerar o contexto sócio cultural dos sujeitos investigados, pois o objeto de estudo é apreendido sob o prisma conceitual da teoria que considera o contexto, isto é, as bases sociais, funcionais e econômicas de uma cultura, sua dinâmica local e conduta dos sujeitos nas suas diversas interações (SÁ, 1998).

Conforme Villaça (1999), a representação sobre o corpo vem sofrendo transformações advindas da cultura forjada pela sociedade capitalística que o considera como uma entidade privilegiada para exercício da dominação, tornando-se, dessa forma observável, manipulável e controlável.

Mauss (1974) foi um dos pioneiros no enfoque dado ao corpo como objeto de estudo numa perspectiva sociológica, passível de análise cultural, situando-o como imagem da sociedade, inserido no contexto dos sistemas simbólicos que a própria sociedade se encarrega de construir. Percebe-se, portanto, a influência da sociedade da qual deriva o pensamento construído simbolicamente em torno do corpo. Pensamento, este, revelador de um sujeito historicamente determinado por pertencer a uma certa cultura vigente em um período histórico também determinado.

Historicamente, tem sido observado que, entre a Idade Média e o século XXI, o corpo tem passado por uma série de transformações permitindo-lhe ser caracterizado como um elemento sujeito ao consumo, através de mecanismos de pressão produzidos pelas leis de mercado capitalista. Assim sendo, segundo deduz Villaça (1999), esse corpo é produto de várias interferências e chega a ser descaracterizado porque é artificializado através de ginásticas, plásticas, uso de cosméticos e também da própria moda.

Entretanto, deve-se salientar que todo esse aparato propiciado pela interferência capitalista está disponível para aquelas classes sociais consideradas privilegiadas e, que podem gastar vultuosas quantias de recursos financeiros para modelar o seu corpo e atender aos ditames da cultura da sociedade capitalística que é, a um só tempo, individualista e excludente por não atingir a todos da mesma forma.

A desestruturação do corpo, em face das transformações modeladoras que o transformam, segundo os padrões vigentes, conforme destaca Góes (1999), é reflexo da fragilização do indivíduo da sociedade moderna. Isso envolve vários aspectos, tornando-se

mais acentuada a questão envolvendo a redefinição dos papéis sexuais, a qual, por sua vez, está provocando uma revolução nos conceitos de natureza e cultura, fazendo com que o corpo torne-se palco de transformações de várias ordens em nome da busca de uma performance que é determinada pelos padrões da sociedade capitalística e sua estratégia de indução ao consumo dos produtos e tecnologia disponíveis no mercado para atender a essa finalidade.

Está em vigor, segundo destaca Moreno (1999), o fenômeno da descorporificação via virtualização do corpo, proporcionada pela tecnologia da informação através das redes informacionais capazes de formar um hipercorpo, ou seja, a virtualização da imagem corporal é uma manifestação da cultura contemporânea, pós-moderna, reforçando a concepção anteriormente destacada de que o corpo é um meio de expressão cujos limites são definidos pelos padrões determinados pela sociedade capitalista.

A cultura característica da sociedade de consumo capitalista se encarregou de banalizar o corpo feminino que se arma de adereços, os quais se tornam signos atinentes às exigências midiáticas do mercado, destinando-se ao embelezamento, à higiene do corpo, a um tipo de moda que se enquadra na matriz universal símbolo do corpo da mulher que se cuida, pois atende aos apelos do consumo.

Percebe-se, portanto, que o corpo feminino não é mais um corpo cujas práticas de cuidar estejam envoltas num referencial cuja visão de mundo o considere como sagrado, sensível, espiritual.

A transformação do homem e do mundo é, segundo Gonçalves (1997) uma transformação histórica que implica numa capacidade transcendental, engendrando sentidos e atribuindo significados distintos às coisas.

O homem é unidade e, como tal, é dotado de corpo e alma, espírito e consciência. O corpo é, portanto, o elemento que revela a maneira de ser-no-mundo, ao

mesmo tempo em que expressa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento.

Essas considerações possibilitam o entendimento de que o significado simbólico do cuidar do corpo, na sociedade atual, passou a ser forjado dentro do processo produtivo que comanda a sociedade capitalista e, portanto, pode ser transfigurado diante das possibilidades de ser modificado para atender aos interesses desse sistema que se tornou predominante.

O corpo feminino transformou-se, então, em lugar de degradação e pecado, deixando transparecer a existência de um corpo separado da alma, um espaço em que a cirurgia, a indústria de cosméticos e toda a tecnologia disponível é acionada para torná-lo um corpo limpo, subjetivo e insensível para transformá-lo em um corpo que atende as imposições das normas imperantes na sociedade capitalista e que o mercado se encarrega de reforçar.

O corpo feminino, segundo a visão de Gebara (1999) é um corpo derrotado, excluído, condenado à morte, um corpo sem alma, um corpo que nega a sua materialidade divina para tornar-se um corpo desejável, um corpo transformando, um corpo marcado pelo pecado por ter perdido a sua identidade original, isto é, por ter perdido o sentido da criação divina.

Deve-se considerar ainda que tal concepção foi forjada dentro de uma vertente que separa corpo e mente para tornar a espiritualidade um fenômeno intelectual e o corpo uma categoria de análise desprovida de alma, posto que é matéria a ser transformada, não segundo a vontade divina, mas, segundo a vontade do próprio homem dominado pela magia do pensamento da corporalidade.

Laquer (2001, p. 75) tece um comentário que serve de complementação para o argumento supracitado, ao afirmar que, “o homem é a medida de todas as coisas [...] o padrão do corpo humano e suas representações é o corpo masculino”. Ao corpo feminino cabe

disciplina, devendo ser enaltecido apenas sob o domínio e controle do homem, evidenciando, dessa forma, a inferioridade da mulher e a compreensão de que o seu corpo é propriedade de um homem, seja o seu pai, irmão, filho ou marido.

A dissociação entre corpo e alma e a supremacia da mente sobre o corpo é responsável pela valorização do corpo masculino e pela depreciação do corpo feminino categorizado como frágil, envolvido em mitos e tabus, os quais geram dependência social. O uso de adornos corporais, por exemplo, não é aleatório e aparece associado a uma representação simbólica reveladora da submissão e obediência feminina como ocorre com o brinco, um adorno representativo da manifestação do conceito envolvendo ouvir e obedecer.

Acrescente-se a isso, o estímulo à conquista e à sedução que tais adornos proporcionam e que são estimulados pela sociedade capitalista indutora de consumo e ditadora de moda, favorecendo o que se denomina de cultura das aparências. O uso de perfumes, sabonetes e cremes que identificam o corpo feminino pelo odor que exala. O perfume, de diferenciação entre as pessoas pelas marcas utilizadas e pelo status que isso representa.

O ser-no-mundo com o corpo significa busca e abertura de possibilidades e de limitações, incluindo a beleza estética que se sobrepõe à saúde, como uma atitude fundamental diante do mundo da performance do corpo, como identidade aberta ao mundo dos objetos com várias possibilidades de transformação para enquadrar-se dentro dos padrões estéticos para incentivar o consumo e não por uma questão de saúde simplesmente.

CAPÍTULO III - A MULHER E A BUSCA DO SIGNIFICADO DO CORPO

3.1 CULTURA, GÊNERO E CORPO

O homem é, segundo a visão de Laraia (1996), um ser predominantemente cultural, pois os seus comportamentos não são biologicamente determinados, haja vista que todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizagem. Em outras palavras: a cultura determina o comportamento do homem e justifica suas realizações.

Situando a cultura nessa perspectiva, pode-se considerar que o homem age orientado por padrões culturais, tendo em vista a constatação feita por Laraia (1996, p. 50), a partir do entendimento do conceito de cultura, pode-se compreender porque “adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas”.

Ao explicar sobre a natureza da cultura, Laraia (1996), destaca que esta surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma a qual diz respeito à proibição do incesto como padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas.

A cultura é dotada de significados, de símbolos gerados pelo homem, a ponto de o comportamento humano ser considerado um comportamento simbólico. Dito de outra forma:

Todo comportamento humano se origina do uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos. [...]. Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da simbolização que cria a cultura, é o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano [...] (LARAIA, 1996, p. 56).

A cultura é, portanto, um elemento-chave para compreender o salto qualitativo que fez o homem tornar-se capaz de “expressar-se, aprender, ensinar e de fazer generalizações a partir da infinita cadeia de sensações e objetos isolados” (LARAIA, 1996, p. 57).

Percebe-se, portanto, que o significado dado aos símbolos não pode ser percebido pelos sentidos, ou seja, para perceber o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou. Isso implica em considerar que o homem não é apenas produtor de cultura, mas também é produto da cultura.

De forma mais consistente, visualiza-se o conceito de cultura do seguinte modo:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas ao embasamento biológico. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 1996, p.61).

O domínio adaptativo dos padrões culturais, denominado mudança cultural está ligado à tecnologia e aos padrões da organização social diretamente ligada à produção. Isso ocorre porque a cultura é o resultado do aprimoramento da natureza humana, cultivada de acordo com os ideais de uma sociedade predeterminada, cuja manifestação no sentido histórico-antropológico, está presente na ordem simbólica da linguagem, do trabalho, do espaço, do tempo, do sagrado, do profano, do visível e do invisível, pois os símbolos surgem tanto para representar quanto para interpretar a realidade, dando-lhe sentido pela presença do humano no mundo.

Ante ao exposto, considera-se, com base no argumento desenvolvido por Laraia (1996, p.69), que a cultura “é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”. Isso perpassa a compreensão de que indivíduos de culturas diferentes usam lentes distintas e, portanto, têm visões distintas da realidade que os cerca.

Vale salientar, a título de exemplificação, que, em certas sociedades, consideram que a mulher é impura para lidar com a terra e com os alimentos. Por esse motivo, o cultivo da terra, a alimentação e a casa ficam sob os cuidados dos homens, cabendo às mulheres a guerra e o comando da comunidade. Em outras sociedades, considera-se que o homem deve desempenhar atividades que exigem força e coragem, isto é, a ele caberia o comando e a guerra; enquanto a mulher, foi talhada para assumir a maternidade, a casa, o trabalho doméstico, as atividades indicadas para um ser frágil e sensível (LARAIA, 1996).

Considera-se, portanto, a cultura como a relação que os homens socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros humanos e com a natureza. Relações que se transformam e variam, ao mesmo tempo em que permite a realização de escolhas racionais; a definição e adoção de valores; a distinção entre o bem e o mal, o verdadeiro e falso, o justo e injusto, o sagrado e o profano, o belo e o feio.

Na visão de Laraia (1996, p.70), isso pode ser expresso da seguinte forma:

[...] o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produto de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

O que foi dito acima, perpassa a compreensão de que, dentro de uma mesma cultura, a utilização do corpo é diferenciado em função do sexo: as mulheres sentam, caminham, gesticulam e se comportam de maneira diferente da dos homens. Isso é consequência do aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo. Cada grupo social possui uma linguagem própria, visão de mundo particular, costumes e expectativas peculiares.

Para compreender esse ponto de vista, deve-se levar em conta o fato de que, o homem vê o mundo através de sua cultura, têm como propensão considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Essa tendência é denominada etnocentrismo, um

fenômeno universal que consiste na crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo sua única expressão.

Essa linha de raciocínio conduz à conclusão de que a ordem simbólica, expressa através da cultura, atribui à realidade, significações negativas dos padrões culturais de povos diferentes, pois existem práticas que em um sistema cultural são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais e em outros não (SOARES,2003).

A partir dessa proposição, é possível vislumbrar que, quando se trata da questão gênero e da sua relação com a cultura, evidencia-se um patamar constante de diferenças entre homens e mulheres, pois o corpo é permeável às máculas da cultura, ou seja, é por intermédio do corpo de uma pessoa, das formas que ele adquire e de como a cultura classifica essas formas, indicando através das mesmas, poder social e prestígio, no sentido do padrão estético é que se têm uma visão mais consistente sobre essas diferenças (CRESPO, 1990).

Na visão de Heilborn (2002), a relação entre gênero, cultura e corpo, na atualidade, é entendida com um plano performático, de gestão pessoal, onde o sujeito pode manipular signos disponíveis na cultura e que, em última instância, demonstram o caráter dinâmico da cultura, pois expressam mudanças e transformações sempre em curso.

Face ao exposto, considera-se importante ressaltar que o tempo constitui uma variável importante na análise de uma cultura, por referir-se às mudanças que ocorrem no corpo que, segundo Baudrillard (1970), transformou-se, independente das diferenças entre gênero, no mais belo objeto de consumo, experimentando nas sociedades modernas, um processo de redescoberta e de re-apropriação.

Para Heilborn (2002), entre a juventude contemporânea, a sexualidade e a evidência do corpo, são temas que estabelecem fronteiras de valores entre as gerações, com valorização do corpo e das atividades físicas, cuja imagem é regida por valores de ordem

estética e hedonista em que o corpo é usado para ascender socialmente, pois o contexto social vigente fornece estímulo permanente para que o corpo seja transformado em um bem de consumo, para que o indivíduo possa obter com isso, a condição de consumir outros bens.

Segundo destaca Malysse (1998), as concepções culturais atuais situam o corpo como uma máquina saudável, obrigada a permanecer jovem e atlética, haja vista a exaltação do *fitness*, sendo essa uma megatendência cultural, uma prática de disseminação de valores em que o uso dos corpos tornou-se marcada por um estilo extrovertido, uma representação que transgride o quadro do puritanismo tradicional, revelando um processo de erotização crescente das civilizações mais jovens, incluindo, neste contexto, as crianças.

Os argumentos desenvolvidos até aqui, mostram que a vida é conhecimento puro e que os seres humanos vivem pelo conhecer, experimentando a cada momento o desvelar do novo. Enquanto estiverem vivos, estarão conhecendo, porque conhecer é viver (MATURANA, 1997). Este conhecimento garante a adaptação do corpo à circunstância, e a cada adaptação se estabelecerá uma mudança corporal.

A cada novo acontecimento, um novo padrão corporal é adquirido, pois a estrutura muda sempre que o corpo se move no espaço. Assim, a experiência vem continuamente carregada de possibilidades de transformação. Isso quer dizer que o corpo está aberto à aquisição do conhecimento enquanto houver possibilidades de experimentação. Por meio do movimento, o conhecimento é adquirido, conservando a vida.

Em outras palavras, enquanto houver vida, o organismo se relacionará com o ambiente, fazendo dele um apêndice do próprio corpo, ou seja, para que haja vida é necessário espaço vazio, caminhos possíveis, terrenos sólidos para a experimentação do corpo. Qualquer fator limitante ao corpo propicia ameaça ao sentido de pertencer. Estar no tempo e no espaço pressupõe a existência humana, com seus valores, normas, regras e padrões de

comportamentos determinado pela cultura vigente, os quais permeiam as possibilidades de redescoberta do corpo.

3.2 A REDESCOBERTA DO CORPO DENTRO DE UMA PERSPECTIVA SOCIAL

A redescoberta do corpo é abordada como questão cultural, resultante das relações do homem em um determinado contexto social, no qual este interage de forma dinâmica e recíproca, visto que, ao mesmo tempo em que atua na realidade, transformando-a, esta exerce decisiva influência sobre ele.

Segundo Giddens (1993, p. 42), na trajetória da humanidade, os fatos demonstram que o corpo foi sempre um objeto de exaustiva atenção e fascinação, tendo sido “adornado, acarinhado, e, às vezes, na busca de idéias mais elevadas, mutilado ou debilitado”.

O corpo é biologicamente, a unidade básica que, pela sua forma concreta, identifica o ser humano, pois é considerado a fronteira entre o indivíduo e tudo o que lhe é externo. O reconhecimento do corpo como unidade básica evidencia a importância das manifestações culturais expressas na forma de perceber, agir, sentir, viver, conferindo-lhe um poder de significação que atua nas dimensões intelectual, afetiva, moral e física. Tais dimensões indicam à educação o que deve ser atingido no processo de socialização. O corpo é a concretude da existência temporal, espacial e exerce papel fundamental na percepção e no contato com o mundo, isto é, na representação social.

O corpo é a força expressiva da capacidade de interação do homem com o mundo, no sentido de transcender os limites extrinsecamente articulados, cuja intenção é manter o controle social. Conforme destacam Santin (1993) e Bruhns (1995), na trajetória

histórica da humanidade, os fatos demonstram que as idéias sobre o corpo foram se modificando a partir do conhecimento produzido pelas ciências modernas.

Na modernidade, o corpo passou a ser estudado a partir de uma visão mecanicista, passando a ser considerado como ser biológico, capaz de realizar e garantir a sobrevivência do homem, gerando uma visão fragmentada de corpo, totalmente alheia a realidade espiritual ou humana, conforme expressa Santin (1993).

Para estudar o homem e seu corpo, ambos imersos dentro de uma situação concreta e história, deve-se definir um marco teórico a ser utilizado na análise explicativa dos fatos e da relação entre os fenômenos investigados. Assim sendo, com base nesse referencial, observa-se que a sociedade, inicialmente, marcava os corpos, inscrevendo-se a lei diretamente sobre o corpo dos indivíduos, havendo uma codificação estrita dos fluxos de desejo e que garante, segundo Lucero (1995), a total integração e inserção dos indivíduos no corpo social. Tal ação vivida em silêncio pelo indivíduo é vista cruelmente, pois evidencia a aceitação da lei do grupo, abstendo-se do exercício da individualidade.

Porém, a evolução da história da humanidade, revela que na sociedade industrial, há uma liberação dos fluxos do desejo, no qual funda um exercício intenso da individualidade, operada por uma descodificação do *socius*, marcado pelo consumo e também pela marginalização daqueles que não conseguem manter-se nas normas que “perpassa o industrialismo capitalístico” (LUCERO, 1995, p. 43).

Tomando por base a questão do consumismo na sociedade industrial, como sendo consumo de bens, de valores, de gostos, compreende-se que a questão do consumo do corpo ganha cada vez mais destaque. As evidências empíricas indicam que:

O homem da modernidade, direcionado pelo consumo, é levado a uma busca da própria felicidade e a dar preferência aos objetos capazes de lhe trazer o máximo de satisfações. Assim a felicidade, ou melhor a promessa de felicidade inscreve-se sob todo o discurso da sociedade moderna (LUCERO, 1995, p. 44)

A sociedade de consumo que até um determinado momento era reservada aos ricos, hoje está disponível a todos os indivíduos. Tal sociedade dentro de uma cultura do narcisismo, é orientada na resolução individual de problemas por uma ética também centrada no individualismo.

Nessa direção, falar necessariamente do corpo, como objeto de consumo é remeter as representações corporais na sociedade industrial a uma avaliação dos modos de apropriação que sujeitaram tais representações. Situando tal pensamento nos estudos de Mauss (1974), concorda-se com a sua argumentação quando explica que, em qualquer tempo e em qualquer lugar toda sociedade sempre desenvolveu modos tradicionais e eficazes de trabalhar o corpo, em virtude de necessidades emergentes do corpo social.

É pertinente observar que, o corpo sempre foi alvo de manipulações simbólicas e físicas, desde a educação até as técnicas simbólicas no interior das sociedades. Mauss (1974) mostra ainda que, assim como o próprio psiquismo, o corpo, não expressa uma naturalidade intrínseca, pois ambos são produzidos pela ação social.

Assim, cada sociedade particular com base em técnicas corporais como: os diversos contatos do homem com o mundo através de movimentos, na alimentação, técnicas esportivas, higiene, posturas, os quais efetuam sobre o corpo uma série de ações que são operacionalizadas, de modo que o corpo vai sendo associado às necessidades de ser rentável e produtivo.

Com base nessas considerações, vê-se que a sociedade industrial consome tudo que se lhe apresenta. Como esclarece ainda Lucero (1995, p. 44), é nesse contexto que o culto ao corpo é produzido, pois “se num determinado momento houve o intenso consumo do psiquismo, observamos agora um igual consumo de tudo aquilo que diz respeito ao corpo”.

Essa visão constrói a idéia de *performance*, do padrão ideal que, além de determinar os comportamentos e atitudes também determina as necessidades e aspirações dos

indivíduos, em relação ao seu corpo. Ainda que, conforme destaca Gonçalves (1994, p.26), tais necessidades sejam falsas por serem “necessidades produzidas pela sociedade e que fogem ao controle do indivíduo [...]”.

Como ponto de referência para a avaliação de alguns processos característicos da sociedade capitalista, seguiu-se as idéias de Lucero (1995), uma vez que este teórico procura situar esse assunto, tendo como referência as sociedades arcaicas, ressaltando a existência de pesquisas antropológicas as quais observam que, nessa sociedade, o princípio que sustenta a igualdade entre os elementos do corpo social não está alicerçado no culto do eu, ou seja, no desenvolvimento da individualidade, mas sim em sua perda, em sua anulação e contenção.

Assim sendo, a sociedade que antecedeu a sociedade capitalista caracterizava-se como uma sociedade marcada, ou seja, cujos corpos trazem marcas que estão gravadas em si mesmos - como sua integração e inserção na sociedade. As marcas corporais garantem a aquisição de um conhecimento sobre seu lugar na sociedade e este saber não será esquecido, ou melhor, a lei inscrita sobre o corpo impede que seja esquecida ou ignorada a determinação e regras que estabelecem a sociedade, como se o indivíduo tivesse um sentimento de pertencimento social. No entanto, tal realidade não é percebida em forma de diálogo entre indivíduo e sociedade, mas sim na forma de uma ação institucional que oprime poderosamente os corpos (LUCERO, 1995).

Pode-se observar, concomitantemente, na sociedade ocidental industrial, as mudanças econômico- sociais, num movimento no sentido da individualização de grande extensão que caracterizaram a emergência do modo de produção capitalista, em que os indivíduos foram levados a uma cultura da individualidade, da competição, da violência e desigualdade, funcionando como os “motores da máquina capitalística” (LUCERO, 1995, p.49).

É, então, que o corpo, visto como o mais belo objeto, manipulado e marginalizado pela sociedade de consumo, traz envolto em si imagens e signos de salvação que prometem satisfação e felicidade. Neste sentido, Baudrillard (1970, p. 212), esclarece o seguinte:

O culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/ feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do Prazer que o circunda- tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação.

Vale salientar que, ao contrário das sociedades pré- capitalistas, no modo de produção capitalista, não há uma dinâmica social centrada na marcação dos corpos, ou seja, assim como tudo aquilo que se apresenta como elemento de determinação social ou de limitação é visto como obstáculo ao desenvolvimento livre dos indivíduos. Assim, abre-se um fluxo de desejos livres, diferenciais e igualitários em lugar de uma estrita codificação do corpo social e individual.

Dessa forma, a sociedade de consumo, que não suporta a norma restritiva, busca excluir toda e qualquer forma ou referência a limites, abrindo um processo de produção, no qual uma série de estratégias, discursos e práticas são geradas e exercem, em cada indivíduo, a influência de cuidados em relação a si mesmo.

Tais cuidados dizem respeito, não só ao aprimoramento do próprio corpo mas, também, à busca do autoconhecimento representadas pelas motivações básicas que impulsionam o comportamento na sociedade industrial. Neste sentido, o corpo, além de estar alocado como força produtiva, ocupa também um espaço fundamental como elemento produtor de saúde, no qual, segundo Baudrillard (1970), esse aspecto se traduz no plano ético da modernidade como uma intimação e escravidão do indivíduo para se colocarem a serviço do próprio corpo.

Segundo uma normalização de desejos, atos, atitudes e valores, a sociedade mantém todos os seus membros ocupados em manter-se no fluxo do capitalismo, como uma máquina social, no qual dá as normas e as coordenadas daquilo que considera normal e anormal, saúde e doença, ou seja, aquele que não consegue manter-se no fluxo passa a ocupar o lugar da doença, da anormalidade, sendo o elemento referencial negativo no fluxo de normalidade.

Assim, a todo custo, é necessário manter-se no fluxo, abandonando antigos valores e estando atento aos novos valores que, a cada momento vão se dando num movimento de reapropriação e de produção. Desprezado num certo momento, o próprio corpo passa a ser redescoberto e reapropriado, o qual torna-se objeto de um culto narcisista.

Ao sinalizar esse movimento de redescoberta do corpo, Baudrillard (1970) esclarece que, hoje é a sexualidade que orienta por toda a parte essa redescoberta e o consumo do corpo, podendo ser evidenciados na imensa explosão ocorrida nos meios de comunicação de massa. Em todo movimento comercial, sexualidade e corpo são presenças básicas, que assume, na redescoberta, seu sentido econômico.

Neste sentido, o aspecto produtivista ligado à questão dessa redescoberta não deve servir de disfarce ou de obstáculo para perceber os avanços garantidos por mulheres e homens no dimensionamento de seu estatuto social, no que se refere ao trabalho, votos, direitos duramente adquiridos. Trata-se apenas de uma análise da reapropriação puramente funcional estabelecida e operada pelos dispositivos do capital.

No entanto, há uma questão fundamental que não pode ser negada: o corpo e a sexualidade ajudam a vender e criam dispositivos para esse movimento de redescoberta, trazendo juntamente o controle social e a finalidade de integração. A esse respeito, Lucero (1995, p. 52) tece o seguinte comentário:

O corpo, não sendo uma entidade natural e sim um fato de cultura, carrega nas sociedades capitalísticas uma funcionalidade que o atrela aos dispositivos de controle e disciplina. Ao mesmo tempo em que é apresentado associado à sexualidade e à beleza, dotado de liberdade, o corpo é tomado como fonte de ameaça, verdadeira virtualidade revolucionária, que é reduzido em seu perigo, na medida em que é embalado, maquinado e despontencializado.

Em se tratando de uma análise do corpo feminino, a sociedade de consumo e a modernidade, bem como os signos imprimidos e as marcas de padrões de beleza criam uma valorização desmedida em torno da sexualidade. Assim sendo, conforme ressalta Caminha (1997, p. 27), há uma “instância valorativa no cenário social, que determina certas maneiras de agir, contraindo, assim, uma série de hábitos designativos, que modelam mentalidades femininas e masculinas”.

Considera-se essa evidência empírica para discorrer sobre a imagem corporal, admitindo-se também que a sociedade é uma realidade objetiva e um produto humano, do mesmo modo que o homem é um produto social, ou seja, cada cultura possui uma certa configuração do corpo, isto é, uma imagem corporal (ROMERO, 1997; SOARES, 2001).

Como expressão viva da totalidade do homem em sua relação com o mundo, a imagem corporal pode assumir valores e significados distintos, podendo ser deformada por sentimentos e emoções reprimidos ou fluir num contínuo processo de redescoberta, a depender da percepção de cada sujeito sobre a realidade circundante.

3.3 VALORES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A IMAGEM CORPORAL

Foucault (1979) realizou estudos cuja contribuição é inegável para a compreensão das interferências socioculturais que o corpo sofreu ao longo do tempo. Esses estudos evidenciam que cada gesto por mais simples e óbvio que seja, bem como os cuidados

corporais criados pela medicina, pela moda, ou mesmo decorrentes de padrões culturais, são historicamente determinados.

Esses estudos permitem compreender também que os desejos, os sentimentos e a possibilidade de se sentir sujeito do próprio corpo não podem transcender os valores determinantes da conduta humana os quais são, em essência, caracterizados como valores culturais.

Essa argumentação deriva do poder disciplinar que as interferências socioculturais impõem sobre as operações do corpo nas mais diversas formações sociais, com múltiplas finalidades: de controle social, de sujeição, de coerção, impondo-se sobre o espaço e o tempo, mantendo o poder que, de modo perverso, oprime os corpos por meio do poder disciplinar, do mesmo modo que o faz o modo de produção capitalista (FOUCAULT, 1979).

Para Foucault (1979), a sociedade, em todas as instâncias exerce poder através de valores históricos e culturais determinantes de condutas e comportamentos e, ainda, através de sistemas de submissão, produzindo indivíduos que interagem e relacionam-se num sistema hierarquizado, de modo totalmente alienado.

Deve-se considerar, portanto, que o poder controlador do comportamento é determinado por valores e habilidades que se acham prescritos em modelos sistêmicos e objetivos. Assim sendo, o homem passa a ser visto como ser de produção, dentro do sistema capitalista, sendo o seu corpo o instrumento principal de atuação.

Essa maneira de conceber o corpo, descrito por Foucault (1979), encontra ressonância em autores como Chauí (1990), Crespo (1990), Gonçalves (1994), Brunhs (1995), Romero (1997) e Villaça (1999), os quais admitem ser a cultura um guia, um poderoso instrumento de intimidação social que se produz a cada momento em todas as instâncias da sociedade, atingindo indistintamente e de modo direto aspectos elementares do ser humano, a

exemplo do seu corpo, seus gestos, seus comportamentos, suas atitudes, seus hábitos e seus desejos.

Esses aspectos vão sendo interiorizados como normas, valores e significados estabelecidos histórica e culturalmente, agindo como mecanismo de controle, sendo reforçados por outros procedimentos sociais como a educação que impõem certas proibições, as quais não podem ser transgredidas, porque, caso isso ocorra, são acompanhados de sentimentos de dor, sofrimentos e, principalmente, culpa que desejamos ocultar, conforme destaca Chauí (1990).

Gonçalves (1994) no que é seguido por Romero (1997) e Soares (2001), pontua que o corpo humano adquiriu essa conotação porque sofreu adestramento ao longo de sua história. Isso fez com que os desejos, as emoções e a espontaneidade fossem suprimidos em nome do processo civilizatório que caracteriza a sociedade nas suas diversas fases de evolução. De fato, quanto mais se aproximava do final do século XIX, mais o corpo vai sendo visto sob a ótica da sua funcionalidade a qual foi sendo inevitavelmente associada à necessidade de ser rentável e produtiva, atendendo a determinações emanadas da sociedade capitalística.

Seguindo essa linha de raciocínio, todo o trabalho desenvolvido com o corpo volta-se para a construção de uma imagem em que este deve incrementar sua energia para tornar-se mais competente, mais hábil, mais eficaz, mais produtivo. Essa orientação serve para ambos os sexos e para todas as classes sociais, indistintamente.

Com o avançar do século XX, as concepções descritas acima vão se fortalecendo a ponto de formular um ideal de corpo no qual, conforme ressalta Villaça (1999, p. 71), estão presentes valores “advindos da tecnologia”. Isso se deve à busca de um maior rendimento do corpo que também vai se consolidando, afigurando-se como uma imposição social, um ideal de beleza que atende às demandas do mercado capitalista.

Observa-se, portanto, que os valores e significados atribuídos à imagem corporal se fazem presentes nas práticas sociais, as quais sintetizam atos, valores, desejos e atitudes com o fito de estruturar as relações de poder, como estímulo do disciplinamento que termina por se tornar um estilo de vida, forjando a auto-identidade, nos moldes descritos por Giddens (1993) e Foucault (1987).

Siebert (1995) adverte: dessa forma, a sociedade capitalista vai impondo seu próprio modelo de corpo e, é essencial para a sua sobrevivência, que essa imagem explorada vá sendo interiorizada pelas massas, na perspectiva de que estas venham a tornar-se um tipo específico de produtor-consumidor.

Posicionando-se a esse respeito, Coda e Senne (1985) esclarecem que, de tal imposição, surge a imagem corporal produzida pelo capitalismo. Imagem esta que prevê o ser humano ideal, carente de resultado, colocando o corpo a serviço da produção do lucro capitalista. Nesse sentido, pode-se considerar que a sociedade capitalística educa o corpo de tal maneira, que o ensina a esquecer-se de todos os seus desejos, conduzindo-o em uma única direção: o da posse.

É notório, portanto, observar como a sociedade capitalista, através de mecanismos coercitivos impõe a imagem de corpos padronizados, difundindo maneiras consideradas corretas e comportamentos que devem ser socialmente aceitos. Deve-se acrescentar que esse é o sentido atribuído por essa sociedade redescoberta do corpo tratada no item anterior desse estudo.

Assim sendo, o sentido atribuído à imagem corporal adquire uma dimensão simbólica, ou seja, são os padrões culturais vigentes que passam a determinar a maneira como o corpo vai se expressar, isto é, o consumo passa a ser pensado como atividade que provoca prazer, de modo que os sujeitos passam a seguir mais o discurso da sociedade com seus

determinantes culturais do que os seus próprios interesses e necessidades, conforme será visto no argumento desenvolvido sobre a prática dos cuidados em relação ao corpo feminino.

3.4 A PRÁTICA DE CUIDADOS E A IMAGEM CORPORAL FEMININA

A prática de cuidados possui dimensões afetivas e cognitivas, as quais designam uma ação voltada para o próprio sujeito ou para o outro. Neste trabalho, admite-se a prática de cuidados como uma ação direcionada para o próprio sujeito, tomando-se como referencial de análise o cuidar de si que, na perspectiva conceitual heideggeriana, segundo destaca Montenegro (1999), encerra diversas possibilidades do ser, ou seja, o cuidado é algo que define o próprio ser da existência.

A prática de cuidados, segundo a perspectiva conceitual acima especificada, não se configura como um ato isolado ou uma posição estanque. De acordo com argumento desenvolvido por Pires (1967, p.559), neste caso, o cuidado transforma-se em “um a priori existencial de onde derivam atitudes e situações, sentimentos e atos, bem como vontades, desejos, inclinações e impulsos”.

Em outras palavras, o cuidar de si, conforme destaca Foucault (1979), faz parte do processo de constituição do sujeito. Nesse sentido, o desenvolvimento das tecnologias contribui para que o homem contemporâneo deixe de preocupar-se em construir uma individualidade própria, passando a desviar-se de si mesmo, submetendo-se a preocupações que passam a sobrepujar o cuidado consigo.

Assim sendo, o cuidar de si passa a ser visto como egoísmo, como forma de sujeição da individualidade em prol de regras definidas na exterioridade do sujeito, forjada segundo os padrões culturais vigentes, prevalecendo como tendência que converge para o

padrão de estética que modela o corpo, de modo diferenciado, conforme o período histórico e o padrão cultural relacionado ao modelo de organização socioeconômica prevalecente.

Foucault (1987) mostrou que a sociedade capitalista, ao produzir discursos sobre o corpo, desenvolveu uma verdadeira ciência corporal, uma verdade sobre o corpo, fundamentada em conhecimentos extraídos da medicina, da demografia e da pedagogia, para construir a dimensão simbólica, os padrões culturais que tornam o indivíduo culpado, quando este não consegue manter-se dentro desse padrão exigido pela sociedade a que se faz referência.

Considerando que o modo de apropriação, posto em prática pela sociedade atual, consegue sujeitar as representações corporais e, que, estas são evidenciadas nas práticas sociais de acordo com as orientações ditadas pelo mercado de consumo, característica essencial da sociedade em que se fundamenta a concepção de imagem corporal, Iwanowicz (1994), ao tecer comentários sobre a imagem e consciência do corpo, mostra, que ao distanciar-se do seu corpo, o homem distancia-se de si mesmo.

A sociedade capitalista coloca seu condicionante em busca de resultados que impliquem, do ponto de vista histórico e econômico, em transformação social e cultural. O poder disciplinador e os padrões estéticos, impostos ao corpo é a comprovação empírica dessa evidência cuja construção teórica é trabalhada por Iwanowicz (1994), ao mostrar que na sociedade que antecedeu à sociedade atual, a relação do ser humano com seu corpo era bastante eficiente e o interesse pelo seu uso se dava por meio das próprias atividades que desempenhava, conforme pode ser compreendido a partir de uma análise mais depurada da história do desenvolvimento humano na luta contra as doenças e o envelhecimento. Na luta pela sobrevivência, o ser humano permanecia sempre em contato com a natureza, e o significado de si mesmo, do viver, estava em se movimentar e deixar o corpo em constante atividade física.

Porém, conforme visto anteriormente, esta relação direta e ativa do homem com seu corpo foi modificada nos últimos anos deste século e, graças ao avanço da tecnologia que atende a determinações de crescimento da sociedade capitalista, o que antes se fazia com o corpo, hoje é realizado pelas máquinas, diminuindo de maneira significativa a participação corporal limitando-a e quase anulando-a.

A valorização da capacidade intelectual gera o afastamento na necessidade de usar o corpo, criando uma nova imagem corporal. E o que isto significa? Isso quer dizer que o homem está parando de usar efetivamente o corpo e que o uso do corpo limita-se a algumas relações sociais: um pouco para dançar, um pouco para comer, um pouco para sentir prazer e um pouco para trabalhar, acentuando cada vez mais um distanciamento do qual Iwanowicz (1994) denomina de experiência corporal.

O questionamento que surge, então, visa esclarecer: em que implica esta mudança? É positiva para o desenvolvimento e a vida do ser humano? Ao distanciar-se do seu corpo, o que ocorre com o homem?

A busca de resposta a essa questão requer o amparo da psicologia que, como ciência, ao longo de sua evolução histórica, atravessou a fase de separação entre corpo e mente, limitando a compreensão do ser humano em partes separadas e, na atualidade, começa a dar importante atenção para o corpo na sua experiência, especialmente graças aos princípios teóricos da psicologia da gestalt e psicologia humanista.

Nessa fase tem início a preocupação com a imagem corporal, ou seja, como esse corpo se sente, como guarda a vivência sensorial e emocional. Isso ocorre porque a psicologia humanística enxerga o ser humano como organismo consciente, como um ser ativo, que pode decidir elaborar suas atividades e que está evoluindo nas suas qualidades intelectuais e cognitivas. E quando se trata desta evolução mental, não está se desprezando a

ligação sensório-corporal, pois a evolução mental não ocorre se o organismo estiver desligado sensorialmente do seu corpo (IWANOWICZ, 1994).

O cultivo do intelecto, antes tratado cientificamente isolado é incentivado social e politicamente a fragmentar o uso de todas as capacidades, começando a enfatizar a divisão de partes, a fragmentação desprezando e esquecendo a relação do corpo com o próprio indivíduo. Isso justifica as considerações feitas por Iwanowicz (1994, p. 64) ao descrever que as pessoas perguntam ao terapeuta, mostrando que essas pessoas apresentam-se num estado de incerteza corporal e desencontros consigo mesmas:

[...] Quem sou eu?. Olham para si no espelho e perguntam: ‘Mas essa aí sou eu?’. ‘Eu não me sinto, eu não sei quem sou!’. É a dúvida em relação a sua maneira de pensar e sua maneira de sentir. Isso parece ser uma dúvida em relação à própria existência. Estou vivo, ms não me sinto, penso mas não me conheço, não reconheço o meu corpo.

Por outro lado, observa-se que a nossa cultura, o nosso trabalho, exigem de nós relações cada vez mais mental ou fundamentada em raciocínio lógico e cada vez menos corporal ou fundamentada na força física. Isso resulta da internalização de métodos voltados para a modelagem do corpo existentes na sociedade capitalista, os quais visam o ajuste a modelos externos considerados expressões simbólicas e, portanto, valores e princípios sociais a serem disseminados.

A partir destas considerações, retorna-se à questão inicial tratada neste capítulo: o que é imagem corporal? Tal questão ainda não foi respondida, mas refletida e permeada por indagações que possibilitam aprofundar a argumentação em torno deste termo. Sabe-se que a predominância do mental resulta no organismo, do indivíduo numa imagem de si mesmo que não corresponde corporalmente a suas características reais. Dessa constatação pode-se obter outros desdobramentos, envolvendo questões mais amplas no sentido de buscar entender, então, qual é a imagem que uma pessoa tem do seu corpo? Como essa imagem é

formada? Como se enquadra nela? E quando não se enquadra, como se relaciona consigo mesma, com o meio e com os outros? Como viver tendo uma imagem incompreensível de si mesmo?

As informações que a pessoa recebe sobre o que acontece fora e dentro delas se dá através do corpo e é todo este conjunto de informações corporal que serve como base para o desenvolvimento cognitivo e como construção e da consciência que o indivíduo possui de si mesmo externado através da imagem corporal (GONÇALVES, 1997).

Todo este desenvolvimento e aprendizagem ocorrem dentro de uma sociedade organizada, com seus conflitos, suas proibições, suas leis, suas aprovações e seus conceitos preestabelecidos trazidos na cultura, na família, na religião, nas condições econômicas de cada indivíduo em sua realidade.

Assim sendo, compreende-se porque Iwanowicz (1994 p. 69) diz que “[...] a imagem corporal que formamos na nossa mente através de todos os processos sensoriais, reflete todos os conflitos emocionais relacionados com a nossa cultura e auto-orientação”.

Faz-se oportuno acrescentar que desde os primeiros anos de vida, o homem aprende a não usar o corpo de maneira apropriada à estrutura, ou seja, de forma natural. Logo não se pode esquecer que o desenvolvimento do organismo é dependente da estimulação externa, sob o qual a imagem corporal é formada, o que ocorre dentro de um conflito. Esse conflito diz respeito à dificuldade que o homem sente de ser ele mesmo e a facilidade de imitar os outros. Se, de um lado, os pais dificultam o contato de seu filho com o meio, limitando por meio de proibições e dos brinquedos, não raro sugeridos pelos próprios pais, de outro a curiosidade é incentivada, mas limitada na sua experiência corporal, pois exigem que seu filho faça as coisas do jeito deles.

Desse modo, o homem não se dá conta, nem tem consciência de que, imita os seus pais, não somente no aspecto psicológico, mas também no aspecto de contração muscular

e até na maneira de respiração. Assim sendo, imagem corporal é formada e construída imitando os outros e, ao longo do amadurecimento do indivíduo, esta imagem é reformada numa aparência condizente com as normas atuais e conforme os esquemas culturais de beleza. O corpo também mantém relações com o próprio indivíduo através da valorização narcísica que ele permite e é o corpo ao mesmo tempo, uma fonte de relações com os outros.

Em outras palavras:

A imagem de si é colocada em questão em seu valor pessoal e aos olhos dos outros. Ela é também sacudida através do julgamento que faz a sociedade [...], o corpo e sua representação tornam-se, de forma paradoxal, o único suporte das relações consigo mesmo e com os outros e o local privilegiado de projeções (LEGER; TISSIER; MOUTY, 1994, p. 142).

As considerações aqui apresentadas formam o conceito da imagem corporal como a consciência da experiência corporal que o homem tem de si mesmo, no qual constitui-se a imagem corporal “frágil em sua constituição, lábil em sua expressão, a imagem do corpo aparece como uma conquista difícil” (LEGER; TISSIER; MOUTY p. 144).

A imagem corporal não está apenas ligada à experiência do corpo tocado (relação inseparável do corpo que implica no contexto de uma comunicação não verbal) e do corpo escutado (testemunhos felizes ou infelizes da vida emocional, despendido de seus próprios ruídos: ritmo respiratório, batimento cardíaco, linguagem para uma escuta atenta), mas também do corpo contemplado cujo grau de satisfação ou insatisfação corpórea se faz presente, sobretudo no confronto com o conhecimento de si mesmo em que o remanejamento de formas, o rearranjo dos traços que freqüentemente conjugam a beleza do passado e da atual representação que faz de si mesmo, podendo resultar em afetos negativos ou positivos ligados a sua própria valorização ou de desvio de aceitação corpórea.

O mais importante nesse enfoque é que ele possibilita a compreensão do corpo na esfera das representações, ao mesmo tempo em que cria um campo propício para introduzir a argumentação envolvendo a imagem corporal feminina.

Inicialmente, é preciso destacar que a percepção do corpo implica em diferenciação de gênero e significados que expressam a definição social de mulher a qual é considerada como sendo “menos racional que o homem, por causa de sua ‘natureza quente’, como se nela o corpo predominasse sobre a cabeça, e a natureza, sobre a cultura” (BRUHNS, 1995, p. 78).

A racionalidade é uma categoria que permite perceber a mulher como potencial causador de desequilíbrio social. Mitos, medos e desinformação estão presentes na descrição de comportamentos da mulher em relação ao seu corpo, os quais contribuem para impor-lhe proibições que podem ser determinantes na produção de sentimentos de vergonha ou culpa, a exemplo do que ocorre quando ela menstrua e, portanto, não deve ingerir determinados alimentos, praticar ato sexual, lavar a cabeça, andar descalça, tocar em flores, entre outros (BRUHNS, 1995).

É pertinente argumentar que as concepções relativas à mulher fazem parte de um modelo de dominação que, segundo Foucault (1987), visam obter um controle mais eficiente da sexualidade. Deve-se atentar para outro aspecto importante a considerar nesse contexto: o de que a sexualidade é também uma elaboração social que opera dentro do domínio do poder.

O corpo feminino sempre foi alvo de controle social, a virgindade e a maternidade, tidas como sinônimo de boa conduta, é um exemplo de adestramento perfeitamente concatenados com os objetivos do Estado Moderno e da Igreja, conforme destaca Gebara (1993). O ideal de beleza feminina visava atender aos anseios masculinos, normalmente envolvendo as seguintes dimensões: altura, peso, busto, cintura e quadris.

O ideal de beleza é internalizado pelas mulheres de modo tal que estas se tornam grandes consumidoras de cosméticos, cirurgias plásticas, lipoaspirações, tudo isso no intento de atender às exigências que a sociedade lhes impõe (SILVEIRA, 2003).

O corpo ideal deve preencher requisitos de um modelo que, conforme diz Penna (1989), deve ser pequeno, entendido como sinônimo de delicadeza, um padrão de feminilidade e alto poder de atração. Assim sendo, o corpo feminino que não preenche tais requisitos é tido com um corpo sofrido e mal amado.

No contexto da sociedade capitalista, o corpo ideal deve ser um corpo dócil, economicamente eficaz e politicamente submisso. Na concepção desenvolvida por Foucault (2000), a sociedade capitalista, tendo como aliada a tecnologia, instituiu o corpo como lugar de controle social, sujeitando-o a um disciplinamento delimitado pelos mecanismos de controle social, fruto da intervenção tecnológica que permite transformá-lo.

Essa transformação torna “um corpo espetáculo, produto das interferências de ginásticas, plásticas, cosméticos, moda, sem cheiros próprios, revelando concepções de mundo e certeza de pertencer a um grupo de privilegiados” (NOVAIS, 1996 *apud* SILVEIRA, 2003, p. 55).

Nesse sentido, o corpo passa a ser considerado, também, como um padrão de status, uma vez que a preocupação com a beleza, na sociedade contemporânea, atinge majoritariamente mulheres de classe média e alta, isto é, pessoas dotadas de recursos financeiros para impor disciplina reguladora capaz de esculpir os seus corpos e adequá-los à norma cultural vigente definidora do padrão de beleza, fruto da intervenção tecnológica sobre o corpo, modelando-o de acordo com os valores definidores do comportamento da sociedade perante o consumo.

Por tudo o que foi dito até aqui, considera-se a imagem corporal como o próprio corpo, isto é, como expressão reveladora da unidade corpo-espírito e da relação do

homem com o seu mundo. Dentro dessa perspectiva é que se considera o corpo como manifestação de vida e de existência e como expressão cultural, seguindo os pressupostos da teoria das representações sociais.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na apresentação dos resultados utilizou-se os dados das entrevistas cujos conteúdos foram agrupados em três categorias temáticas, quais sejam: “corpo como manifestação de vida e existência”; “corpo como expressão cultural”; e corpo como prática de cuidado.

A discussão dos resultados foi feita com base nas múltiplas dimensões do fenômeno estudado, analisado à luz da fundamentação teórica presente nesse estudo, abrangendo desde a questão de ordem conceitual, passando pelas funções das representações sociais na busca de desvendar o amplo campo de significações e significados envolvendo o corpo.

Estudar o corpo na representação social das mulheres tomadas como sujeitos desse estudo é abrir espaço para o acompanhamento da sua dinâmica de vida, é entender o significado e as significações que acompanham o ser no mundo, é ter consciência da vinculação entre o mundo vivido e os valores existenciais, os quais são impregnados de histórias e símbolos que expressam a interioridade desses sujeitos.

O entendimento da expressão da interioridade do sujeito perpassa a compreensão do que se passa com o seu corpo, pois, conforme Merleau-Ponty (1989, p.20), o corpo “é a construção, a possibilidade da coisa”. É por intermédio do corpo que o homem se presentifica no mundo, ou seja, o corpo é o veículo do ser no mundo.

4.1 CATEGORIA I - CORPO COMO MANIFESTAÇÃO DE VIDA E EXISTÊNCIA

A análise dessa categoria fundamenta-se na compreensão de que o corpo é revelador da história pessoal de cada sujeito investigado englobando questões diretamente

relacionadas à compreensão do corpo como lugar de expressão da vida, pois é impossível a existência do homem no mundo sem o corpo; e, ainda a relação corpo-saúde; a noção do corpo-máquina e corpo templo do “Espírito Santo”.

De acordo com Gonçalves (1997), a civilização ocidental, com suas raízes na Antigüidade Grega tem em seu cerne a tendência de uma visão dualista do homem como corpo e espírito. Nas sociedades pré-industriais, era grande a significação do corpo para a identidade pessoal e social, bem como para o funcionamento da sociedade que valorizava qualidades corporais como força, destreza e agilidade, não somente em torneios e competições, como também na vida militar e política, pois vencer uma competição representava muito mais do que a comprovação de superioridade física, representava o reconhecimento de que o vencedor era um elemento superior dentro daquela sociedade, ou seja, as relações sociais eram construídas e consolidadas com o corpo.

Com a expansão e solidificação da sociedade capitalista e com o crescente domínio da natureza, por intermédio da técnica, transformaram-se progressivamente as relações do homem com seu corpo, diminuindo o poder do homem sobre o seu corpo, tornando-o um escravo das forças produtivas, criando nova concepção de espaço, tempo e abrindo também novas possibilidades de realização de atividades corporais.

Isso serve de explicação para a constatação de que o sentido do significado do corpo na representação dos sujeitos investigados está relacionado, primeiramente, à questão da expressão da vida. Nesse contexto, a noção de corpo aparece associada não só ao trabalho e à sobrevivência, mas, também, ao movimento e ao lazer, conforme visto a seguir:

Meu corpo é tudo na vida né, prá trabalho, prá andar, pra brincar [...] (E1:1).
Pra mim é tudo né, porque se falta uma mão, se falta um braço né, e como diz é tudo [...] é o meu valor, meu corpo é tudo, sem ele agente não vive.
(E6:1)

O argumento apresentado acima permite a identificação dos conteúdos das representações que relacionam o corpo como expressão de vida, enquanto instrumento de luta para o trabalho e pela sobrevivência. Aparece, também, o registro do temor de uma possível inutilidade física, que poderá causar uma falta de sentido de vida. A vitalidade do corpo, representa, portanto, a melhor forma de expressão de vida, de valor pessoal e de presença no mundo, conforme admite o argumento ora apresentado:

Meu corpo é tudo, sem ele eu não vivo, não posso andar sem ele... tudo que eu vou fazer eu tenho que levar meu corpo, não posso deixar , né isso? (E5:1)

O meu corpo pra mim é uma máquina que precisa sempre estar se movimentando, acho isso (E4:1)

É possível identificar nas transcrições aqui apresentadas que, o corpo para essas mulheres tem, também um sentido de utilidade. Acredita-se que esta relação está provavelmente, contida na própria idéia de produção que o nosso sistema econômico privilegia.

Na visão de Gonçalves (1997) a sociedade capitalista, com sua visão individualista e hierarquizada da sociedade, com sua lógica para justificar a dependência que o homem contemporâneo, seduzido pela tecnologia e pela mídia passa a conduzir a performance do seu corpo para atender a necessidade de desempenho da produção capitalista.

Observa-se, portanto, que ao situar o corpo como objeto de consumo, as representações sociais da sociedade capitalística o valoriza de acordo com a sua capacidade produtiva, pois conforme Foucault (1988), o corpo segue uma conduta prescrita pelos interesses do capital.

Porém, para a maioria dessas mulheres o sentido de utilidade está associado aos afazeres do dia-a-dia e, não, necessariamente, à produção com caráter lucrativo, visto que em maior número, estas mulheres são donas do lar. As mulheres, pelo próprio

condicionamento cultural são conduzidas a identificar-se com as atividades que desenvolvem na sua labuta cotidiana (LUCERO, 1995).

Fazendo uma retrospectiva histórica da identificação da mulher com o seu corpo e deste com as tarefas domésticas realizadas pelas mesmas (cozinhar, lavar, tirar o pó, banhar o bebê, alimentá-lo, etc), Iwanowicz (1994, p. 64) argumenta que “o corpo vem sendo alvo de interesses do ser humano, pois é através desse corpo que manifestamos a vida. Tal interesse está ligado a sua utilidade e eficiência, bem como às atividades que ele desempenha”.

O desempenho do corpo está representado na trajetória de vida desses sujeitos e de sua existência, pois quando busca-se entender o sentido da expressão “meu corpo é tudo , sem ele eu não vivo”, pode-se inferir que no seu imaginário está presente a consciência dos limites do seu corpo, percebido pelas mudanças físicas de sua anatomia, a luta contra doenças e também pelo próprio envelhecimento. É como se o corpo doente e principalmente limitado em seu movimento, não tivesse sentido para a vida (GONÇALVES, 1997).

Portanto, o corpo aqui representado não se refere a uma vida ociosa e sedentária, que dá trabalho aos outros, mas o seu significado deve ser entendido com base no sentido de valor, enquanto for possível ser útil e eficiente. Tudo isso é reflexo da sociedade capitalista que valoriza constantemente o valor produtivo e utilitário do corpo, no qual cercados pela cobrança de produtividade e eficiência, o corpo doente, obeso ou envelhecido é descartado e não serve em grande parte mais não só para o mercado de trabalho, mas para a própria convivência social que com suas regras e modelos corporais impõe certos comportamentos e atitudes.

Analisando essa percepção, com base na teoria das representações sociais de Moscovici (2004, p. 33), é possível inferir que essa compreensão é respaldada na natureza convencional e prescritiva das representações, na qual:

Impressionisticamente, cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, idéias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não e que nos atingem, sem que o saibamos.

Reforçando o aspecto evidenciado, Merleau- Ponty (1971, p. 24) comenta que “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para uma pessoa viva, juntar-se a um mundo definido, confundir-se com alguns projetos e engajar-se continuamente neles” [...], Isso implica em considerar que o corpo representa um instrumento de concretização de tarefas, sem o qual não é possível realizá-los, ou seja, é através da apreensão do sentido de gestos, de expressão e não só do movimento, mas de toda manifestação humana, como a emoção, os sentimentos e posição de ser no mundo que o corpo assume essa dimensão.

Na visão de Bruhns (1994), essa conotação dada ao corpo, permite visualizá-lo no direcionamento dado à vida produtiva e, portanto, considerá-lo como potente, cheio de energia e com vigor para a realização social e econômica nas suas várias dimensões.

É notável, a influência que a concepção do corpo como uma máquina saudável, destacada por autores como Maturana (1997), Romero (1997) e Malysse (1998), representa neste contexto em que o corpo necessita de movimento, o qual é visto como expressão de vida, de vigor e de possibilidades existenciais, nem sempre fácil de dimensionar, ante ao desempenho que é possível de ser obtido, mediante o trabalho que a tecnologia proporciona e que possui poder de fortalecer o corpo para lograr êxito em qualquer empreitada que se proponha a realizar.

Como já foi visto numa das transcrições anteriores o corpo representa o valor pessoal em cada parte que o compõe, sendo, portanto, pertinente afirmar que a preocupação com integridade das mãos, dos braços, mostra a consciência de uma perda de valor, quando um desses membros são ameaçados.

Desse modo, se lhes falta um desses membros, também lhes falta algo, no qual o ser no mundo com o corpo se limita, em sua maior completude, abertura de possibilidade, identidade e intimidade do eu, haja vista que:

Ser- no- mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento, contemplação. Ser- no- mundo com um corpo significa ser vulnerável e estar condicionado às limitações que o corpo nos impõe pela sua fragilidade, por estar aberto a uma infinidade de coisas que ameaçam sua integridade. Ser- no- mundo com o corpo significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento. Ser- no- mundo com o corpo significa movimento, busca e abertura de possibilidades, significa penetrar no mundo e, a todo momento, criar o novo. Ser- no- mundo com o corpo significa a presença viva da temporalidade, que se concretiza, primeiramente, por um crescer de possibilidades, ao atuar no mundo, e, depois progressivamente, por uma consciência das limitações que o ciclo da nossa vida corporal nos impõe (GONÇALVES, 1997, p. 103).

A consciência das limitações impostas pela vida corporal é bem significativa na argumentação tecida por essas mulheres, quando as mesmas demonstraram preocupação com sua atual e futura saúde corporal, no que se refere também a um corpo indisposto e um pouco cansado, ou ainda de forma mais radical, quando o medo acompanha a trilha da vida e da existência numa possível perda das funções corporais em quaisquer partes que sejam, e por mínima que seja, o corpo para elas precisa estar bem em todos seus segmentos corporais e a ameaça em um desses membros causa desânimo e incerteza do sentido de viver. Eis a transcrição das colocações feitas por elas a esse respeito:

Me sinto muito bem não, porque me sinto cansada, tenho essas gorduras né? (E1:2)

Eu penso muito assim um dia, eu chegar a ter uma deficiência física, que eu acho que não vou resistir chegar neste momento né, porque o nosso corpo é tão importante em cada detalhe, em cada dedo, as mãos, os braços, as pernas, o corpo em geral é muito importante (E2:2)

Assim, a representação social do corpo aparece definindo o sentido de viver, e, viver significa existir e a existência representa a manifestação da própria vida corporal por ser, o corpo, a primeira realidade que conhecemos e somos.

Deve-se presumir, com base em Azevedo (1995) que, à medida que o ser humano vai se desenvolvendo biologicamente e crescendo como pessoa, ele vai conhecendo melhor a realidade sedimentada através da sua experiência da qual o corpo é elemento fundamental, por lhe permitir vivenciar sensações físicas tais como fome, frio e não apenas ser visto como uma peça de anatomia.

A realidade, vivida por esse grupo de mulheres entrevistadas, reforça a percepção de que o significado do corpo, enquanto sentido de vida está ligado diretamente à idéia de trabalho, de ser independente para manutenção de sua sobrevivência e da eficiência corporal, posto que todas elas desempenham algum tipo de função em que dependem totalmente do corpo, como sendo: domésticas, donas do lar, cozinheiras, lavadeiras.

Tais funções refletem bem as relações sociais de trabalho, em que está envolvida a sociedade capitalista. Vale salientar também que, quando se trata de doença, a perda de autonomia corporal para essas mulheres, não só representa falta de sentido de vida, porque elas dependeriam de outros para o seu sustento, na incapacidade e impotência de produção no trabalho, no qual sua própria liberdade e autonomia estariam ameaçadas, mas também, implica na ameaça da perda da harmonia interior da pessoa, sobre as incidências do domínio psicológico sobre a corporeidade, no qual hoje em dia, passaria como explica Sivadon (1986, p. 28) ao menos aparentemente, para o segundo plano esta preocupação com um corpo sólido, corpo trabalhador que cumpre tarefas para nutrir a si mesmo e ajudar a família a melhor nutrir-se, ou seja:

O corpo sofredor e doente, defeituoso [...] é uma constante ameaça. Os que passam bem de saúde, não se apercebem disso. As doenças inesperadas por

acidente, enfermidade, chegam a dar ao CORPO uma importância que ele próprio não havia podido tomar; nem antes, nem nunca.

Porém, é ainda parte integrante do conjunto da preocupação dessas mulheres de manter um corpo saudável, para garantir a questão da sobrevivência enquanto aspecto revelador da atual preocupação com o corpo, pois as relações de trabalho são ainda a base que norteia a corporeidade.

Argumento nessa direção é apresentado por Medina (1998, p. 92) ao destacar que:

Penetrar dialeticamente no corpóreo significa recuperar, a todo instante, as condições e relações em que os seus fenômenos se realizam. Por este motivo é que insisto que não podemos nos esquecer que é a instituição do trabalho que deve estar na base de toda esta análise que fazemos de nossa sociedade e de nosso corpo. São as relações sociais de trabalho, no processo de produção do sistema capitalista, que geram a divisão das classes antagônicas, e acentuam, com suas regras, as injustiças que, por sua vez, produzem toda essa pobreza e miséria. É a partir da contradição entre o capital e o trabalho, pautada pela nossas circunstâncias históricas, que se produz o corpo dos brasileiros, ou melhor, os corpos dos brasileiros, já que é fundamentalmente a nossa situação de classe que condiciona a nossa corporeidade (percepção corporal, postura, beleza, força, raciocínio, inteligência, etc.). É por isso que podemos falar num corpo- violado dos burgueses, num corpo- oprimido dos marginalizados, bem como num corpo – aburguesado – marginalizado dos representantes da classe média.

Assim, a vida corporal guarda e revela traços da essência e da história do sujeito. Segundo Kurtz e Presteria (1989), o corpo revela as curvas e os meandros da história pessoal, como os traumas, os segredos e os triunfos de dias passados e tudo isso está corporificado em músculos e ligamentos, expressos nos movimentos, na postura, tensões, na vitalidade, revelando o interior da pessoa. Mas também, por diversos motivos e em muitas situações, o corpo é um complexo obscuro não revelado. O corpo se comunica através das palavras escritas e pronunciadas, conta coisas sobre nossos mais profundos sentimentos e nossa história emocional, nossa personalidade e nosso caráter.

A vida e a existência de pessoas menos favorecidas economicamente, também passam por ameaças externas de fome, de violência, discriminação, privação na saúde, na

educação, falta de moradia digna. Entretanto, colocações feitas por essas mulheres não demonstraram nenhuma desesperança ou ameaça que porventura seu corpo atravessa, apesar de se encontrarem numa situação socioeconômica pelo qual passam privações e por viverem numa comunidade cuja localização a fazem estar sempre e em constante espera por atos de violência e assaltos.

Apesar de tal realidade, o discurso e a representação social dessas mulheres sobre o corpo aqui representado revela que o corpo para elas é o que há de mais significativo: a vida, o existir. O corpo no imaginário dessas mulheres não representa fardo ou peso, mas demonstra a consciência da representação do esquema corporal que compõe o seu corpo, numa imagem de totalidade e satisfação. A esse respeito elas se posicionaram do seguinte modo:

Meu corpo pra mim é muito importante, minhas pernas, meus braços, meus olhos, minha boca, tudo o que pertence ao meu corpo é importante para mim (E12:1)

É tudo né, da cabeça aos pés, cabelo, dente, unha, tudo completo (E4:2)

A nossa mente, a nossa cabeça, sem o nosso corpo não é nada (E2:1)

Complementando essa análise, deve-se considerar também que a vida do corpo é a vida das sensações, conforme descreve Brunhs (1994, p. 61), ao tecer o seguinte comentário:

A vida do corpo é a vida das sensações e das emoções. O corpo sente a fome real, a alegria real do sol e da neve, o prazer do cheiro real das rosas ou em olhar um arbusto de lilás; a raiva real, o calor real, a paixão real, o ódio real, o luto real. Todas as emoções pertencem ao corpo e a mente apenas as reconhece.

Considerando que, a vida do corpo é a vida das sensações, verifica-se também com base na ênfase da vivência do corpo em movimento como campo criador dessas sensações, destacado por Merleau-Ponty (1994), ao explicar que a percepção e a vivência consideradas como uma experiência corporal é um acontecimento da motricidade e não apenas uma representação mentalista.

Assim sendo, nas colocações dessas mulheres aparece a descrição das partes e membros do seu corpo como membros importantes. Desse modo, numa visão de totalidade para a sua existência, pode-se compreender também que sua representação se origina da própria experiência e vitalidade corporal e, portanto, da experiência do movimento e da capacidade que cada mulher vivencia em seu corpo, ou seja, essas mulheres estão falando sobre si mesmas, sobre o seu próprio corpo e, portanto, de sua própria existência. O seu corpo é a melhor expressão de vida, de ser no mundo e uma fonte de experiências significantes.

O argumento expresso acima é reforçado por Moreira (1992, p. 40) na passagem transcrita a seguir:

O corpo deve ser compreendido não como um objeto com características distintas dos demais objetos, mas entendido como fonte de experiências significantes, como veículo de comunicação com o mundo, ou mais precisamente, corpo como expressão possível de ser- no- mundo.

Do exposto, pode-se inferir que o corpo é assim analisado e tem este significado para essas mulheres porque, como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano, é socialmente concebido e a análise com base na sua representação social a qual oferece a base necessária para compreensão da estrutura de uma sociedade particular, uma via de acesso, ou seja, cada sociedade elege um certo número de atributos que configuram como e o que o homem deve ser, tanto do ponto de vista moral ou intelectual quanto do ponto de vista físico, aspectos estes destacados por Rodrigues (1986).

Outro aspecto que chama a atenção no argumento das mulheres entrevistadas diz respeito às referências ao significado do corpo, como templo e morada do Espírito Santo. Essa representação mostra que o corpo é visto como um dom divino e uma dádiva do criador que por algum tempo podemos possuir. É importante ressaltar que tal significado foi revelado, por mulheres ligadas a denominações da igreja evangélica e, praticantes de suas convicções, cujo entendimento foi expresso do seguinte modo:

Uma vitrine é templo e morada do Espírito Santo, tem que cuidar e zelar por ele né? Se agente não cuidar, quem é que vai cuidar? (E8:1)

O nosso corpo é tudo na vida né? Porque nós somos templo do Espírito Santo e devemos zelar pelo nosso corpo que é a casa do Espírito Santo habitar. (E11:1)

Este significado do corpo como templo do Espírito, é assim acreditado por aqueles que seguem a doutrina cristã, e que crêem na ressurreição de seus corpos a partir da experiência com Jesus Cristo e de sua Palavra deixada na Bíblia. Essa convicção gera forças para essas mulheres viverem e por isso não só falaram desse significado, mas admitem que a própria experiência com Jesus, levou a uma mudança de comportamento em relação à melhoria dos cuidados com o seu corpo.

Essa argumentação encontra ressonância em Souza Neto (1995) ao tratar da relação corpo/ alma ou mente, segundo a visão da tradição cristã, mostrando que alma e corpo formam uma unidade amparada pela fé, ou seja, a alma é onipresente ao corpo. Este último é parte do mundo sensível devendo ser amado, com tudo o que lhe é necessário ou útil, vale dizer com o conjunto dos bens sensíveis, em vista da alma que tem em Deus o seu sumo bem.

Corpo e alma são elementos pertencentes à criatura e é da unidade existente entre ambos que, conforme mostra Souza Neto (1995, p. 59), que “decorrem todas as determinações do homem, inclusive a corporeidade em todos os níveis [...]”. Nessas determinações encontram-se os intelectos no qual se processa a maneira de conceber o corpo,

isto é, o pensamento em busca de ação através da qual o sujeito demonstra a sua percepção, o seu simbolismo, a sua representação em torno do objeto.

Deve-se levar em consideração que as experiências corporais são distintas, entretanto, para todas as mulheres entrevistadas, o sentido, ou a representação social não é apenas uma questão de saúde, mas principalmente uma questão de fé que termina por se tornar um hábito social, isto é, um processo resultante das relações entre o meio orgânico e a sociedade.

O meio orgânico, nesse caso, é a religião, cujo modelo de representação social, embora não seja unívoco, apresenta sempre resultados inquestionáveis, conforme os preceitos religiosos de cada um. Essa articulação, meio orgânico/ sociedade, na verdade, representa uma referência significativa para o agir dessas mulheres em relação ao cuidar dos seus corpos.

Comprovando o argumento desenvolvido acima, verifica-se que a serem questionadas sobre como foi que aprendeu a cuidar e a valorizar o seu corpo, fica claro na seguinte argumentação, a influência da doutrina cristã:

Eu aprendi [...], uma que eu fui uma pessoa sozinha que não tive mãe, aprendi depois que eu aceitei Jesus. Eu já tinha esses cuidados de cuidar do corpo, depois que eu aceitei Jesus eu aprendi mais a como zelar pela casa do Espírito Santo, aprendi mais a zelar (E11:3)

O crescimento da fé cristã é hoje uma realidade social e a não raro a forte adesão de homens e mulheres que a cada dia descobrem o sentido de sua existência, numa mudança radical de valores, no qual a vida e a morte fazem seu itinerário espiritual. Esse corpo morada e templo do Espírito Santo está destinado à ressurreição, baseado na fé dos Apóstolos que testemunharam a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo há mais de 2000 anos. O trecho Bíblico da carta de Paulo aos coríntios retrata no capítulo 6, uma das passagens referentes a esta questão: “Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que

habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis? Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo.”

Com base na teoria das representações sociais fundamenta-se tais constatações e apreensões, no que diz Moscovici (2004, p. 38), ao fazer a seguinte ressalva:

Nossas experiências e idéias passadas não são experiências ou idéias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e idéias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente. O poder e a clareza peculiares das representações- isto é, das representações sociais- deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe.

Os depoimentos analisados revelam, em sua linguagem simples e direta, a forma como as mulheres entrevistadas concebem as idéias sobre a categoria corpo, vida e existência. Passa-se, então, à análise da segunda categoria definida com base nos objetivos propostos para esse estudo.

4.2 CATEGORIA II - CORPO COMO EXPRESSÃO CULTURAL

Nesta categoria foram agrupados todos aqueles depoimentos que dizem respeito ao processo educativo da prática de cuidados com o corpo quais sejam: meio de comunicação, revistas, tradição familiar, descoberta e conhecimento de seu próprio corpo através da luta diária entre outros aspectos relacionados aos objetivos definidos anteriormente. Seguindo esta direção Daolio (2005 p.39) explica que:

O homem, por meio de seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Diz correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas

expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio de seu corpo.

Não há, portanto, como perder de vista o fato de que além da questão dos valores transmitidos e adquiridos sobre os cuidados com o corpo, as argumentações das mulheres trazidas aqui, permite identificar-se conteúdos das representações que relacionam o corpo com sede de signos sociais, quais sejam, o encantamento com o corpo, através da imagem que fazem de si e da imagem que outros fazem do seu corpo. Isto de certa forma, vem confirmar o caráter dinâmico e social na gênese das representações no contexto das sociedades atuais, marcadas seja através de processos formativos, seja pela influência dos meios de comunicação de massa.

Quanto à questão do processo de formação adquiridos na prática de cuidados com o corpo, percebe-se nas colocações dessas mulheres uma posse do conhecimento e da aprendizagem no trato com o seu corpo, não admitido à coletividade social, mas a hábitos adquiridos por uma consciência própria, embora sabe-se que toda experiência não ocorre de maneira isolada, mas por intermédio de uma experiência de vida e de uma aprendizagem social, mesmo que não percebida. Isto porque “o corpo é o local das experiências próprias, o local da ancoragem do ego e da personalidade” (SIVADON, 1986, p. 95).

Essa construção cultural aparece enraizada na natureza das representações sociais do grupo de mulheres investigadas, conforme denota a seguinte transcrição do depoimento que segue:

De minha pessoa, de minha pessoa, gosto assim é, ninguém nunca me ensinou, nem minha mãe, nem meu pai, assim de minha pessoa mesmo, que eu gosto de estar bem com a vida, tranqüila, saudável, é de minha pessoa mesmo, de mim mesmo, ninguém me ensinou. Televisão, naquele tempo não tinha televisão, agora foi que começou televisão, mas desde o começo foi de minha pessoa mesmo, que gosto de ser assim, andar arrumada, limpa, tranqüila. Aprendi de mim mesmo, dentro dos mato, o caba vai aprender o que? Aprende da pessoa mesmo, da naturalidade, da natureza da pessoa, natural, vem da minha natureza mesmo né, eu gosto de ser, sem ser da

cabeça de ninguém,, pela minha cabeça mesmo, gosto de fazer as coisas que eu penso, que eu gosto de fazer [...] (E1:3)

Neste sentido, Mauss (1974), pioneiro no enfoque do corpo enquanto objeto da Antropologia, e que neste âmbito dos estudos antropológicos, tem o mérito de, pela primeira vez, ter incluído o corpo ao que ele chamou de “técnicas corporais”, explica que, o homem, mesmo ao empreender trabalhos coletivos, tomado por uma emoção coletiva ou por uma representação, possui uma consciência própria.

Esta compreensão que Mauss (1974) elaborou dá ao indivíduo uma importância particular, pois o homem não é apenas representante e fruto de uma sociedade, agindo como uma máquina manipulada por suas instituições. Mais do que isso é também um ser dotado de uma consciência particular que permite uma mediação entre o nível pessoal e social.

Kofes (1994), ao discutir num debate sobre o interesse da antropologia pelo corpo, focaliza estudos sobre essa temática já feito nos EUA, em 1940, e, cita o caso de Margareth Mead que estudou as várias formas de como as sociedades nativas representam o corpo, expõem seu corpo e se comportam em relação ao corpo. O corpo é então tido como entidade cultural, através do qual a cultura está se expressando. O corpo é expressão da cultura, conforme Margareth Mead, que vê a cultura na linguagem da antropologia Americana, como conceito chave. Assim cada cultura vai expressar diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura.

Laraia (1996) corrobora as colocações feitas por Kofes (1994) situando o corpo como expressão cultural, ao mostrar que cada sociedade possui uma dinâmica própria e que os comportamentos não são biologicamente determinados, pois todos os atos envolvendo os cuidados com o corpo, são decorrentes do processo de aprendizagem vivenciado por cada

sociedade, uma vez que, seguindo essa perspectiva, o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado.

Laraia (1996, p.46) é incisivo quando faz o seguinte relato a respeito do homem como produto do meio, da cultura a que pertence:

[...] ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que os antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Ante o exposto, é fundamental que se estabeleça as seguintes colocações: a cultura não só determina a conduta do homem, como também a conotação estética imposta ao corpo, a aparência externa, a introdução da visão do corpo como uma máquina. Na visão da abordagem corpo-mente, desenvolvida por Matos (1995), sobre a compreensão do saber prático envolvendo o corpo, na qual o referido autor situa o conhecimento como parâmetro que permite tal compreensão.

O conhecimento é responsável pelas transformações históricas que favoreceram a preocupação com o desempenho e com a aparência do corpo, fazendo com que o homem aos poucos perdesse a sua individualidade, a sua privacidade, tornando-se dessa maneira, escravo da ordem social capitalista predominante na maioria das sociedades contemporâneas.

Essas referências são importantes para a compreensão da resposta individual à competição que se trava entre os saberes envolvendo toda a complexidade relativa ao fluxo de informações que as mulheres detêm sobre seu corpo e a preservação de sua integridade física como pessoa humana.

Quando questionadas sobre como foi que as mulheres da Comunidade Boa Esperança aprenderam a cuidar e a valorizar o seu corpo, as respostas estiveram relacionadas,

respectivamente, ao ensino da família, mas associada ao exemplo da mãe. Na visão dessas mulheres, a representação do corpo, em relação ao processo de formação sobre os seus cuidados, está ligado fortemente à educação doméstica, conforme mostrado através da compilação de seus próprios depoimentos:

Bem isso é desde o momento que eu era criancinha que minha mãe me ensinava, sempre a cuidar do meu corpo, eu via como ela se cuidava. Também até hoje ela está com 85 anos, mas é uma senhora muito limpa, tem muita higiene no corpo dela e isso aí eu aprendi com ela, porque agente quando é criança que a mãe está sempre dando um banho, tá cuidando, penteando os cabelos, escovando os dentes tendo aquele cuidado com nossa pele, então eu acho que eu aprendi com ela. (E2:3).

Eu aprendi com minha mãe, que ela sempre ensinou agente a andar limpo, então tudo que eu sei aprendi com minha mãe. (E3:3).

Bom isso aí, acho que isso aí não tem [...] é, isso aí já vem assim de família né, já veio assim do cuidado de minha mãe, minha mãe me ensinou a me cuidar né? E até hoje eu me cuido bem graças à Deus, do meu corpo, de tudo, tudo, tudo, interno e externo. (E4:3).

Quando eu aprendi a cuidar do meu corpo foi quando eu me entendi de gente. Eu aprendi a tomar banho só, esfregar meus pés, minha mãe que esfregava, mas quando eu partia a tomar banho eu já esfregava, passava a bucha, aí eu vi que o corpo precisava de uma higiene, de uns cuidados melhor, tomar banho, esfregar e botar perfume pra ficar o corpo cheiroso (E5:3).

Partindo da análise das colocações acima, pode-se inferir que as idéias de Mauss (1974), quando este inclui o corpo ao que chamou de “técnicas corporais”, aplica-se fundamentalmente a dessas mulheres, notadamente, quando o citado autor considerou que os gestos e os movimentos corporais são técnicas criadas pela cultura, os quais são passíveis de transmissão através das gerações e são imbuídas de significados específicos.

Na visão desenvolvida por Penna (1989), o fenômeno do corpo, concebido numa dimensão estritamente pessoal, torna-o um campo propício aos intercâmbios sociais, pois a constituição da vida humana, segundo essa perspectiva conceitual, é marcada por símbolos que expressam, através da linguagem, uma visão de mundo polarizada pela imagem

de um corpo belo, vigoroso, pronto para responder às condições específicas do contexto forjado pela sociedade capitalista.

Segundo destaca Santin (1993), na visão da corporeidade, as palavras que permitem a compreensão das imagens suscitadas pelas necessidades aparentemente exclusivas do campo físico, revelam uma posição, uma orientação para seguir as diferentes influências dos padrões corporais engendrados pela técnica, fruto do desenvolvimento da dinâmica da própria sociedade capitalista, capaz de conferir ao corpo o *status* e o prestígio que conferem valor aos sujeitos que se enquadram nesse perfil de vigor e beleza física e que reflete, em última instância, a necessidade dessas mulheres passarem a buscar meios de inserção dos seus corpos nesse padrão cultural.

Assim, também as técnicas apreendidas no trato e nos cuidados com o corpo transmitidos pela família, trazem o significado da cultura vivenciada, “o corpo seria então, enquanto objeto da antropologia, componente da própria cultura” (KOFES, 1994, p.53)

Noutros depoimentos, a representação do corpo além de estar ligada à ancestralidade (família, mãe), está também ligada aos meios de comunicação, conforme verifica-se na seguinte transcrição:

Televisão, meio de comunicação, revista, minha mãe também orienta. Só não cuida do corpo quem não tem condições, porque quem tem quer cuidar mais. (E8:3)

Seguindo a perspectiva dessa argumentação, para cuidar do corpo é preciso ter dinheiro, uma vez que o que predominou nesse discurso foi em primeiro lugar o contato com a televisão, e também de leituras nas revistas de beleza, que implantam constantemente padrões de beleza, vistos nas novelas, filmes, propagandas etc. Portanto, o que se depreende dessa situação é que, também é produto cultural, este tipo de representação apreendida, de

associar o dinheiro aos cuidados com o corpo, já que seguir determinadas orientações ditadas pela mídia, em geral não se faz sem dinheiro. Em outras palavras:

Nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação. Mesmo quando a mudança afeta o sentido, os conceitos, as imagens, ou a intensidade e associação de crenças, no seio de uma comunidade, ela é sempre expressa em representações (DE ROSA, 1987 *apud* MOSCOVICI, 2004, p. 205).

Tomando-se outra vez as idéias de Mauss (1974, p. 211), sobre técnica corporal pode-se entender melhor esta questão. Ora, ele chama de técnica “um ato tradicional [...] montagens fisio- psico- sociológicas de várias séries de atos”. E afirma que o mais natural e primeiro objeto e meio técnico que o homem possui é o seu corpo. Para o citado autor não há conduta natural, pois se o corpo humano é imagem da sociedade, o estudo das técnicas deve estar inserido no estudo dos sistemas simbólicos sociais, como também as categorias culturais envolvidas na sua análise devem estar de acordo com as categorias, pelas quais se percebe a sociedade e que por sua vez, deriva da idéia de corpo e é elaborada pela cultura.

Isto ocorre porque em velocidade e formas aceleradamente mutáveis, o corpo da modernidade, está sujeito ao consumo, por meio “de mecanismos de auto-repressão, que vão desde a plena incorporação das leis de mercado até às vezes aparente” (SILVEIRA e GERALDA, 2003, p.55). Trata-se, portanto, de um autocontrole que se obtém da pressão cultural para o prazeroso e, ao mesmo tempo, também induz comportamentos.

Por outro lado, e reforçando ao mesmo tempo, a importância da ancestralidade na difusão sobre os cuidados com o corpo, houve nos depoimentos analisados, a predominância da figura materna, citada como pessoa mais importante no processo educativo e formativo de como cuidar do corpo.

É importante destacar que, o que mais chama atenção quando questionadas sobre como foi que aprenderam a cuidar e valorizar o seu corpo foi não só o fato de referenciarem a mãe como pessoa mais importante nesse processo, mas também, por terem explicado com detalhes como foi marcante a maneira e o que a mãe ensinou desde a sua infância no trato com o corpo.

Tal acepção é referendada por Silveira e Geralda (2003) ao ponderar que a repetição dos gestos exemplares, comporta em si a técnica e é, ao mesmo tempo, uma recapitulação simbólica que introduz o sentido do humano na realidade sacramental da cultura e do mundo. Eis a comprovação do que está sendo ponderado:

Eu aprendi com a minha mãe, ela me ensinava agente a chegar, lavar as mãos pra comer, lavar os pés pra dormir, mesmo que já tenha tomado banho, mas tinha que lavar os pés novamente, lavar as mãos e tudo eu aprendi com a minha mãe, a ir chegar em casa, ao amanhecer o dia escovar seus dentes, pentear os cabelos pra poder sair, isso aí eu aprendi com a minha mãe, foi muito importante. (E12:3)

A humanização do homem, bem como o processo de aquisição cultural se dá por meio da linguagem. Segundo Laraia (1996), essa é a condição fundamental para a simbolização, a qual, neste contexto de referência, está representada pelos conhecimentos que as mães transmitiram a essas mulheres, os quais serão repassados, com as modificações pertinentes, aos seus descendentes.

Corroborando essa afirmação, os depoimentos seguintes enfatizam o processo de transmissão do padrão cultural envolvendo os cuidados com o corpo, conforme segue:

Com a minha mãe, minha mãe sempre ensinava agente tudinho. Minha mãe dava banho na gente, ensinava como tomava banho, como deveria se cuidar, dizia que era muito importante se cuidar né? (E9:3)

Eu aprendi com a minha mãe, ela sempre mim dava ensino né? Desde de criança eu vendo ela me cuidando e assim eu fui aprendendo e peguei as manhas dela e assim eu aprendi. (E10:3)

Minha mãe, desde pequena, minha mãe sempre me ensinou a ter cuidado com o meu corpo. (E7:3)

Percebe-se, nesses depoimentos, o simbolismo representado pela higiene corporal, enquanto padrão de beleza socialmente aceito e difundido no seio da sociedade capitalista. Constata-se, com base em Laraia (1996), a forma de operar a cultura, com seus mecanismos que expressam a sua dinâmica e transfere aos sujeitos a responsabilidade em aplicar os conhecimentos ensinados pelos seus ancestrais, conforme expresso no seguinte depoimento:

Depois que me entendi de gente passei a cuidar de mim. Antes, do meu, o corpo quem cuidava era a minha mãe, aí depois que eu fiquei grande já né, aí eu fui crescendo, ela foi me ensinando, aí cuidei de tomar banho, é assim minha fia, lave cuide dos pés, pentear os cabelos, aí ela foi me ensinando e aí eu fui aprendendo com minha mãe. (E6:3)

Isto permite perceber na análise dessa categoria, corpo como expressão cultural, também a ausência e o distanciamento do homem, como pai, educador e orientador de seus filhos, quanto à questão de cuidados, corporais e hábitos de higiene, pois não foi sequer registrado um depoimento enfocando que o pai tivesse participado desse processo educativo nos cuidados corporais, durante as entrevistas.

Nessa perspectiva, Silveira e Geralda (2003) ajudam a esclarecer esta questão, ao explicar que, desde sempre as práticas de cuidar desenvolvidas pelas mulheres no mundo arcaico, foram elaboradas em torno do corpo e da fecundidade, no qual cuidava-se de um primeiro corpo, conhecido, próximo, envolvido pelo afeto- o corpo do amor, ou seja cuidava do corpo que gerou, não abrindo mão de cuidar do gerado, ficando para a própria mãe esse dever de cuidar, essa por sua vez também se realiza a participar em primeira mão dessa relação.

Para essa forma de cuidado, o corpo era encarado como lugar tanto da vida coletiva quanto individual, templo e sopro da vida. Quando nas colocações dessas mulheres aparece a figura da mãe como a pessoa responsável pela instrução das práticas dos cuidados

corporais, podemos compreender que ao realizar essas práticas, as mulheres as fazem tendo como ponto de ligação o seu próprio corpo que:

[...] cuida e que já deu à vida [...], portanto, conhecedora do processo, o corpo que está dando à luz, o corpo da criança. Tendo a experiência como eixo norteador de cuidado, essa prática não era meramente intuitiva, mas trazia incorporados os conhecimentos sobre a vida e as marcas da existência” (SILVEIRA e GERALDA, 2003, p. 33)

Também para Figueiredo (1998), compaixão, compreensão, amor, sensibilidade e ajuda são expressões ou marcas, próprias das mulheres nas práticas de cuidados corporais, sejam em si mesmas ou no cuidado daquele ou daquela que gerou.

Em outras palavras, os valores e os sentimentos que orientam essas mulheres na prática dos cuidados corporais, inconsciente ou não, é reflexo do seu próprio meio, pois a cultura reflete-se na conduta humana e a mesma é produto desta flexibilidade pelas configurações de seus valores.

É dos valores que resultam não só as experiências dessas mulheres quanto as maneiras de dar significado e sentido às suas ações, assim como delas captar e elaborar outras em circularidade crescente envolvendo estilos, características, conotações e representações da relação homem-mundo a qual é procedente de sua existência concreta no agir, sentir, pensar, sonhar, desejar, seduzir e reagir sentindo o mundo através do seu corpo bem cuidado (MATURANA, 1997)..

Outro dado importante e bastante enfatizado refere-se à imagem corporal como concepção cultural envolvendo o estudo do corpo feminino. Analisando os depoimentos coletados, percebe-se que, no conjunto mais geral das representações que compreendem esta categorização, as mulheres, de alguma forma, sempre se referem à preocupação com o seu corpo em relação a sua auto imagem, não compreende aspectos da aparência física, com a

estética e a noção do belo em relação a si mesma e em relação à preocupação da imagem que os outros fazem do seu corpo (SÁ,1998).

É neste contexto que a representação do corpo se estrutura, isto é, a significação do corpo para essas mulheres, não é um corpo qualquer, mas é no seu imaginário e na sua representação um corpo esteticamente bonito e admirável. A imagem corporal é, pois reconstruída constantemente pelo indivíduo na percepção que este possui de si mesmo e das determinações inconscientes que ele traz de seu diálogo com o mundo (SOARES, 2001).

Considera-se assim que esta reconstrução constante insere-se na confirmação das noções variadas dos campos cognitivo e cultural originadas pelas explicações, conceitos e proposições presentes no cotidiano da vida como é esclarecido por Moscovici (2004). Constitui-se, também essa reconstrução como elemento básico do corpo vivido. Nas palavras das mulheres entrevistadas:

Eu admiro ele, gosto dele, me sinto bem com ele. Me dou valor, eu não queria mudar nada em cima de mim, nada do meu corpo, eu gostaria de mudar, eu gosto dele assim. (E3:1)

Eu gosto muito do meu corpo, eu gosto dele, é tudo mesmo. (E10:1).

Volta-se a reafirmar com base nos depoimentos que validam o entendimento apresentado por Romero (1997), esclarecendo que a imagem corporal ajuda a decifrar,isto é, permite a compreensão das imagens que as mulheres investigadas fazem de seus corpos, do valor que atribuem a sua própria aparência.

Gostar do corpo e odiar também é uma forma de expressar a imagem corporal, de valorizar a imagem que essas mulheres cultivam de si, destacá-lo para favorecer a relação mantida com o mundo exterior, manifestando a vontade, através de sua representação de mostrá-lo de sentir-se admirada pelos cuidados com a roupa, com os cabelos, com as unhas, com os pés, formando sucessivas representações do corpo, que se articularão com as

motivações inconscientes introjetadas via padrões culturais, fazendo cada uma dessas mulheres expressar as mediações entre o seu corpo e a realidade dos investimentos que fazem no seu ideal de beleza, conforme atestam os depoimentos que seguem:

Gosto de me arrumar, de me vestir, uma roupa adequada, roupa arrumada, roupa boa, andar bonita, gosto de ser bonita. (E1:2)

Eu adoro meus cabelos, as unhas dos meus pés, as mãos todinho. Eu cuido bem deles para que eles fiquem mais bonitos ainda né? Que seja bem bonito mesmo para todo mundo admirar, tomar banho se perfumar e creme na perna. (E9:2)

Eu gosto muito de zelar pelos meus pés, minhas mãos, tomar banho diariamente, assim, ser total mesmo, de vez em quando ir no cabeleireiro dá uma escova. (E10:2)

Alguns depoimentos demonstram cuidado e zelo com a aparência, mas por outro lado não deixam de fazer referência a um tipo ideal de padrão de beleza, sem, contudo, descrever que tipo de corpo gostaria de ter, o corpo idealizado, porém deixam escapar a insatisfação e a recusa com o cabelo, com o peso corporal e com o tamanho que calçam os seus pés.

Ao questionar-se sobre o significado do corpo para essas mulheres e quais os cuidados que elas tem com ele, verifica-se que, o seu discurso as envia para o ideal e para a projeção de si no plano mais performático idealizado pela sociedade capitalista. Pode-se dizer que, no plano real, ou seja, no cotidiano, o corpo sofre expectativas em relação ao que ele poderia ser e fazer. Os trechos a seguir ajudam a ilustrar a tônica de tal reflexão:

Queria que ele fosse um pouco mais magrinho né, um pouco mais magro. (E1:2)

Eu cuido bem do meu cabelo, apesar dele não ser tão bom, mas eu cuido tá entendendo? E também tenho muito cuidado com os meus pés, apesar dele não ser tão lindo porque é um 38, mas eu tenho cuidado. (E2:2)

Somente isso que eu não estou achando bom, problema de rachadura nos calcanhar. Quando vou na rua tenho vontade de comprar sapato, tem tantas sandálias bonitinhas que eu queria comprar, tenho vergonha, medo que as pessoas manguem dos meus pés. (E1:1)

Daqui talvez se possa deduzir, no mínimo, três suposições fortemente imbricadas: a não aceitação e a insatisfação corporal, embora tais suposições não sejam reconhecidas, sobretudo na justificativa “eu cuido bem do meu cabelo, apesar dele não ser tão bom, mas eu cuido tá entendendo?”; ou ainda no trecho “tenho vergonha, medo que as pessoas manguem dos meus pés”. Tais justificativas comportam uma certa conotação de exclusão social, ou seja o medo da não aceitação, do respeito e acesso ao mercado da moda, do calçado ideal; ou em última instância a análise dessas falas demonstram uma internalização complexa da representação da imagem corporal, pois é resultado do processo de personalização, da construção cultural do corpo feminino cujas raízes encontram-se vinculadas às diferentes sociedades e culturas (VILLAÇA, 1999).

Tudo isso representa a complexidade da imagem corporal. Assim sendo, portanto, a representação dessa imagem aqui imbricada nos permite apreender que esta não está apenas ligada à experiência do corpo tocado (relação inseparável do corpo que implica no contexto de uma comunicação não verbal) e do corpo escutado (testemunhos felizes ou infelizes da vida emocional, desprendido de seus próprios ruídos: ritmo respiratório, batimento cardíaco, linguagem para uma escuta atenta), mas também do corpo contemplado, no qual o grau de satisfação corpórea se faz presente, sobretudo no confronto com o conhecimento de si mesmo.

Daí decorrem o remanejamento de formas, o rearranjo dos traços que freqüentemente conjugam a beleza do passado e da atual representação que essas mulheres fazem de si mesmas, podendo resultar em afetos negativos ou positivos ligados à sua própria valorização ou de desvio de aceitação corpórea, a depender da forma como estas concebem os padrões de beleza associados ao corpo feminino, considerando o aspecto cultural que lhe é inerente (SOARES, 2001).

A preocupação com a imagem corporal que é exposta em todas as sociedades é resultado de uma cultura que não deixa de explorar o discurso perene de que o corpo da mulher deve ser magro, cabelos estirados e de fibra fina, pés delicados e pequenos. O corpo foi e ainda continua sendo manipulado pelo modo de produção capitalista. Dessa forma, cada sociedade define o corpo como produto corporal e faz sua leitura num percurso de idades de vida, demonstrando a variação de significados em diferentes culturas e de indivíduo para indivíduo (IWANOWICZ, 1994).

A imagem corporal comporta, para determinados indivíduos, um certo grau de satisfação e/ ou insatisfação no relacionamento com o seu próprio corpo. Isto se dá a partir da consciência do corpo que também está profundamente enraizada na história do sujeito. Recebe, portanto, ideológicas determinações através de modelos corporais definidos como: saudáveis, fortes, desejáveis e belos.

Nessa direção, Medina (1998, p. 23) tece um comentário que reforça a análise ora apresentada:

O nosso corpo, concretamente e na forma como se representa e é percebido pelo brasileiro, acompanha os matizes fornecidos pelo sistema dominante. Na relação corpo-sociedade há um peso decisivo da estrutura sócioeconômica que define, de certa forma, os limites da nossa estrutura corpórea. Desde a gestação somos modelados pelos valores vigentes, pela cultura, pela situação de classe social a qual pertencemos, e assim, dentro dessas circunstâncias, nascemos, crescemos, vivemos, sobrevivemos, adoecemos e morremos.

Percebe-se, portanto, que a preocupação dos investimentos feitos no corpo feminino não se refere apenas à higiene e à saúde, mas são frutos da imagem urbana que articula todo um aparato técnico direcionado para modelar o corpo, de modo a atender os padrões culturais vigentes nos quais estão presentes o embelezamento, a elegância e também, a saúde corporal, aspectos estes que dependem, conforme demonstra-se a seguir, dos cuidados com o corpo.

4.3 CATEGORIA III - CORPO COMO PRÁTICA DE CUIDADO

Nesta categoria estão agrupados todos aqueles depoimentos que dizem respeito aos cuidados sobre o corpo descritos pelas mulheres investigadas, bem como os aspectos que motivam esses cuidados, como o encanto consigo mesmas, a auto-estima, a beleza e a higiene no sentido não exterior, mas de cuidados internos com o corpo.

Conforme destacam Silveira e Geralda (2003), no que é seguido por Moher Dauí (2003), a imagem corporal vem sendo modificada em busca de um padrão corporal ideal, seja por influência da indústria de cosméticos, seja por influência da mídia ou da tecnologia que impõem submissão e controle social através das técnicas corporais.

As rotinas de embelezamento passam a ser parte integrante não só do cotidiano feminino, como também do universo masculino que estão começando a manifestar publicamente a sua preocupação com a aparência física e, por isso, tem se tornado o mais novo alvo da indústria de cosméticos, pois eles estão sendo considerados como consumidores em potencial da indústria de cosméticos (MOHER DAUÍ, 2003).

É patente a mudança da sociedade diante dos padrões de beleza como símbolo de êxito social, nível de consumo e estilo de vida. Para o sexo masculino, as ofertas do mercado de cosméticos são das mais variadas: emulsões para o rosto com diferentes tipos de vitaminas, esfoliantes, cremes hidratantes, gel e creme para barbear, além de produtos para evitar linha de expressão no rosto e envelhecimento, este último com grande procura por parte dos consumidores.

Na sociedade capitalista, a indústria de cosméticos, a mídia e a tecnologia envolvendo as diversas técnicas corporais disponíveis para consumo imediato no mercado,

fazem do corpo uma vitrine, um elemento facilitador da venda dos produtos que a indústria produz para os cuidados com o corpo, com a aparência, com a saúde e com a beleza.

A mídia, responsável pela publicidade dos produtos destinados aos cuidados com o corpo, é inserida nas relações sociais para o qual se destina, ou seja, para atender ao desempenho da produção capitalista e, por isso, esses produtos aparecem associados ao corpo performático.

Na concepção de Gonçalves (1997, p. 30), em inúmeras “propagandas, os produtos aparecem associados a um corpo saudável, próximo à natureza. Em outras, o corpo aparece como um objeto sensual, onde o objetivo é ligar o produto a ser consumido com momentos de prazer erótico”.

A intenção é, portanto, de fazer uma associação entre o produto oferecido pela linha de produção do sistema capitalista com a idéia de liberdade, criatividade e erotização, estando assim, um pouco distanciado da realidade do homem enquanto unidade existencial envolvendo o corpo e o espírito para viabilizar, de fato, a relação do homem com o mundo da natureza (SÁ, 1998).

Faz-se oportuno destacar que a mídia com sua estratégia de divulgação dos produtos contribui para ocultar as carências envolvendo o corpo, pois nem todos eles são performáticos, belos, saudáveis, dentro dos padrões que a sociedade capitalista se encarregou de transformar no foco de suas atenções, distanciando, ao invés de aproximar o homem da natureza.

Ao valorizar os produtos destinados aos cuidados do corpo, a mídia revela uma intenção manipuladora, desvinculando o corpo da espiritualidade, valorizando-o apenas como força fisiológica, transformando-o em uma máquina a serviço da manutenção do sistema de produção capitalista, a ponto de afirmar-se que o homem junto com seu corpo tornou-se um escravo das forças produtivas desse sistema.

As mulheres investigadas, ao serem questionadas sobre a sua percepção em torno do que significa cuidar do corpo, assim se posicionaram:

Eu gosto de andar limpa, andar limpa (E1:2)

A pessoa tem que ter muita limpeza do corpo (E7:1)

Limpar as unhas, cortar as unhas, limpar os cabelos bem lavado no banho, que agente sem tomar um banho, o corpo fica sempre fedorento né? O mais que eu tenho cuidado é dos meus cabelos (E6:2)

É escovar os dentes cortar as unhas, tomar banho pra ficar limpo o corpo e ter bastante cuidado com o corpo né, porque se você passar um, dois, três dias sem tomar banho com certeza ele vai ficar com mal cheiro né?, e agente tem que tomar banho prá conservar o nosso corpo. (E5:2)

Vê-se, portanto, que quando o assunto é cuidado com o corpo, aparece em primeiro plano, nas representações dessas mulheres, a idéia de asseio, de limpeza, ou seja, tudo leva a um só caminho, é preciso estar sempre com aparência limpa e estar bem visualmente.

Estar bem visualmente, segundo Silveira e Geralda (2003), implica em consumir produtos de higiene e beleza. Acrescente-se a isso o consumo de tratamentos de beleza, métodos de limpeza corporal e facial, ou ainda intervenções cirúrgicas como lipoaspirações, cirurgias de pálpebras e implante de silicone dentre outras práticas condizentes com o padrão de beleza requerido pela sociedade capitalista.

De acordo com McDougall *et al.* (2001), a história do corpo é, como tantas outras, uma narrativa feita posteriormente, a partir de observações, lembranças, uma reconstrução, resultado da projeção do desejo de desejo de cada um.

A vivência dos corpos dessas mulheres quando relacionada à prática de cuidados é orientada para a noção de asseio e de limpeza como símbolo de sua *performance* visual, produto de interferência da indústria de cosméticos representada nos depoimentos pelos cheiros: “não tomar banho, indica corpo mal cheiroso”.

A indústria de cosméticos, segundo Medina (1998) faz com que o corpo perca seu cheiro próprio, tornando-se assim produto da interferência dessa indústria que é, a exemplo de outras, símbolo do consumo, da reprodução capitalista e dos cuidados.

Os cuidados corporais, conforme Mauss (1974) é totalmente definido pelas leis de mercado, produto da interferência das relações sociais de produção que definem o corpo como mutável ao sabor do consumo e da moeda, provocando revoluções nos conceitos de natureza e cultura.

A concepção que cada pessoa tem de seu corpo expressa a sua inserção no mundo social não se tornando, portanto, algo limitado à carne e as suas roupas. A imagem corporal é uma das experiências básicas na vida de cada um e, portanto, articulada com a prática de cuidados, tendo em vista o esboço visual do corpo ideal, isto é, de como o corpo pode ou deve aparecer diante da sociedade (MORENO, 1999).

Na sua convivência com o corpo, a prática de cuidados adotada pelo grupo de mulheres investigadas mostra que, embora seu padrão aquisitivo não seja muito elevado, que elas estão reduzidas pelos padrões impostos pela sociedade consumista que caracteriza o modo de produção capitalista no que se refere à cultura da aparência e do consumo. Isso fica perceptível ao fazerem o seguinte comentário:

Eu [...] todos os cuidados né, a pessoa passa hidratante, tomar um banho, escovar os dentes, todo o cuidado que você tem que ter com o seu corpo, a pessoa tem (E7:2)

Depilar, hidratar, lixar o calcanhar né, tem que hidratar bem, colocar uma basizinha, se não for um esmalte, escovar os cabelos, dá um relaxamento, cuidar. (E8:2)

Só não cuida do corpo, quem não tem condições, porque quem tem quer cuidar mais (E8:3)

Cortar as unhas, sempre lavar os pés, ariar muito os pés, cortar as unhas do pés, das mãos, lavar sempre os cabelos, cuidar do cabelo, ter o máximo cuidado com o nosso corpo né, porque como eu já disse, o nosso corpo é templo do Espírito Santo e o Espírito Santo não habita em templo sujo (E11:2)

Com base em Montenegro (1998), pode-se afirmar, considerando os depoimentos anteriormente citados, que os acontecimentos mais significativos mencionados pelas mulheres investigadas, revelam uma experiência, um modo de organizar os cuidados com o corpo em torno desta realidade. Cada experiência significativa deixa uma marca guardando relação com o efeito posterior, segundo a vontade do sujeito. Desse modo, os cuidados passam a ser, então, considerados a base de sua identificação com o sentido dado ao cuidar de si.

O que essas mulheres evocam, indicando as condições que determinam a sua representação, corroboram as colocações feitas por autores como Góes (1999), Moreno (1999) e Daolio (2005), indicando que a sociedade capitalista privilegia o mundo visual, e que as mulheres cuidam de seu corpo, não por si ou para si, mas para a sociedade, pois o que a sociedade visualiza é a imagem corporal.

A beleza, com seus padrões distintos, expressa a forma como essas mulheres vêem o mundo. Fazer uso das possibilidades que a indústria de cosméticos oferece, não é só aspiração do corpo, mas do espírito, embora a mídia, com seus apelos, manipule a mente feminina favorecendo uma verdadeira obsessão em busca do corpo ideal, contribuindo para o crescimento da sociedade de consumo, para o *glamour* explosivo de imagens produzidas para despertar o desejo e vender os produtos que a indústria de cosméticos produz.

O padrão de consumo das mulheres investigadas é expresso em cada atitude destas para com o ato de cuidar do seu próprio corpo, conforme é demonstrado nos depoimentos que seguem:

O cuidado que eu tenho com o meu corpo, é tomar um banho bem tomado, limpar minhas unhas, limpar os meus pés, lavar meu cabelo bem lavado, limpar meus ouvidos, isso é o que é importante para mim (E12:3)

Devemos zelar sempre, ter cuidado no corpo inteiro, tomar banho todo dia, duas vezes mais ou menos, duas, três vezes ao dia, trocar a roupa, cuidar dos

pés, sempre ariar pra não deixar ficar sujeira, cortar as unhas, sempre cuidar né, o nosso corpo é muito importante para nós (E11:1)

Esses depoimentos são reveladores de que entre esse grupo de mulheres o mercado é soberano, apesar de os padrões ideais de beleza, saúde e atividade física divulgados pela mídia estarem distantes da sua capacidade aquisitiva. Ainda assim, o aspecto do consumo é reforçado pela questão cultural, como se percebe através do uso de diversos produtos citados: hidratante, base e esmalte entre outros necessários aos cuidados relatados nos depoimentos transcritos.

Uma interpretação corrente acerca do corpo e cuidado permite compreender em que consiste o modelo de consumo do próprio corpo na sociedade de consumo capitalista, haja vista que:

Aparentemente nosso corpo é aquilo que melhor conhecemos; esse conhecimento é um conhecimento imediato já que podemos movê-lo segundo nossa vontade e podemos nomear seus diversos elementos; um conhecimento confirmado e expresso cientificamente na anatomia e na fisiologia. Ele se traduz nos cuidados com o corpo [...] que visam desenvolver algum aspecto particular das estruturas ou das possibilidades corporais (VAYER, 1985, p. 90).

O corpo torna-se, portanto, um retrato fiel da sociedade de consumo capitalista, dadas as possibilidades que lhe são imputadas pela tecnologia que o submete ao controle social. O mercado com toda sutileza que lhe é peculiar coloca o corpo na dependência das técnicas de malhação, cirurgias, medicamentos e todo o aparato necessário para realçá-lo, para deixá-lo modelado de acordo com os padrões sociais que norteiam a cultura da aparência e do consumo.

Sob o poder do mercado consumista, o cuidar do corpo é um ato desprovido de espiritualidade, pois o ideal não existe dentro de cada uma dessas mulheres. Os ideais existem fora delas, são criados por estilistas, cabeleireiros, publicitários, os quais definem o padrão

ideal de corpo aos quais essas mulheres procuram ajustar-se, inclusive para manter o seu status econômico e social (ROMERO, 1995).

Mesmo o ideal religioso “o Espírito Santo não habita templo sujo” revela um ideal de corpo preparado para receber e experimentar, os produtos que a indústria de cosméticos se encarrega de produzir e de induzir, através da mídia com seus estímulos que ativam os sentidos, a adotar como prática de cuidados envolvendo o corpo, notadamente, a higiene.

Ao repelir determinados cheiros “tomar banho bem tomado”, essas mulheres vão formando preconceitos. Sua visão de mundo é, antes de tudo, um ângulo particular sobre idéias e valores que lhes permite visualizar o seu corpo como tendo uma estrutura definida pelos cuidados que se traduzem na sua concepção de beleza: cuidar dos cabelos, modificando o seu padrão original através da técnica do relaxamento para acompanhar o padrão da moda; cuidar das unhas e das roupas para tornar-se apresentável e admirada aos olhos da sociedade, de preferência, seguindo o padrão da moda, divulgada pela mídia, através dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão (FOUCAULT, 1987).

Os padrões higiênicos referenciados nos depoimentos envolvendo a prática de cuidados com o corpo vão compor o conteúdo das representações mais gerais, servindo de base para a elaboração de estigmas acerca daquelas mulheres que, por razões diversas, não se deixam seduzir pelo consumo de produtos que alterem a performance de seu corpo, ou a definição de seus traços fisionômicos, modificando a sua aparência física, para adequar-se aos padrões ditados pela sociedade de consumo na qual estão inseridas.

CONCLUSÕES

Uma conclusão importante desse estudo é que as representações sociais envolvendo o corpo feminino mostram o corpo como objeto de consumo da sociedade capitalista, pois ajuda a vender tudo aquilo que é produzido e associado à beleza, apoiando-se em dispositivos e estratégias de caráter econômico e social.

A funcionalidade do corpo é intermediada pelas relações de consumo a qual apresenta-se fundamentada em valores ditados por uma sociedade hierarquizada e individualista que programa o homem para produzir e para não reconhecer a sua unidade corpo-alma, deixando-se seduzir por essas relações.

Desse modo, a essência do corpo, vista sob esse ângulo é representada pela sua beleza, pela sua performance, pela sua capacidade de servir ao modo de produção da sociedade capitalista, tornam-se um corpo disciplinado, capaz de atingir maior produtividade e adestrado para suprimir seus desejos e suas emoções, tornando-se artificializado para ser coerente com os reclames da sociedade capitalista.

O corpo predominante no contexto da sociedade capitalista é, portanto, um corpo disciplinado que adotou uma conduta prescrita pelos interesses da sociedade que faz uso indiscriminado desse corpo, tratando-o como objeto manipulável, domesticável, escravo do consumismo que adotou como *modus vivendi*, conforme destacado por Villaça (1999).

Ocorre que, não há corpo sem alma, sem vida. Embora na representação social da sociedade atual, o que fortalece o corpo não é a alma e sim a beleza, a juventude, a capacidade sedutora, a performance, segundo ideal estabelecido por essa mesma sociedade a que se faz referência.

Conforme destaca Rodrigues (1986), no corpo está simbolicamente impressa a estrutura social; de modo que na sua representação social permite afirmar-se que esse

universo é indissociável de qualquer prática social. Assim, considerando a noção de cultura, deduz-se que o corpo é produzido socialmente e que essa produção envolve a definição simbólica de modo de ser, pensar e agir envolvendo o contexto no qual a vida social se desenvolve como processo.

Merleau-Ponty (1989) situa o corpo humano como uma parte especial do universo, pois nele habita o próprio indivíduo que percebe o mundo. Essa percepção é diferente quando se faz a associação entre o corpo feminino e o masculino, pois na concepção sociológica a mulher é interpretada como sendo menos racional que o homem, por conta de sua natureza quente, perpassando a idéia de que nela o corpo predomina sobre a cabeça e a natureza sobre a cultura.

O que há, de fato, são mitos e preconceitos em torno de algumas concepções relativas ao corpo feminino o qual se caracteriza por ter uma aparência dócil e frágil, normalmente tende a ser vaidoso. Porém, como a cultura é dinâmica, envolvendo um processo social, isto é, existe uma interação constante entre ação e significação a qual permite entender-se a importância do corpo dentro das categorias temáticas explicitadas nesse estudo.

Como manifestação de vida e existência, o corpo feminino, na dinâmica social, reflete uma situação integradora presente na relação corpo-espírito. Com sentido prático e simbólico, ancorado na teoria das representações sociais, o corpo como manifestação de vida e existência, demonstra-se que o corpo revela a interioridade do sujeito, isto é, o corpo é a expressão do ser no mundo, sendo esta outra conclusão importante desse estudo.

Na percepção das mulheres entrevistadas, a categoria corpo como manifestação de vida e existência está ligada ao ideal de possibilidade de trabalho, do uso do corpo para prover o próprio sustento e o sustento da família, pois o corpo doente, o corpo deformado, surge como uma ameaça à garantia da sobrevivência, pois limita a capacidade de trabalho.

Destaca-se, também, como conclusão relevante desse estudo a categoria expressão cultural, através da qual o corpo, segundo a concepção das mulheres entrevistadas está ligado à ancestralidade e também aos meios de comunicação, pois, conforme a representação identificada, as mulheres entrevistadas, aprenderam a cuidar do corpo com suas mães, com pessoas de sua família e também através de noções aprendidas na televisão e em revistas que falam de moda, beleza, filmes, novelas e, sobretudo, propaganda de produtos para os cuidados com o corpo.

Esses aspectos apresentam correlação com aspectos de ordem social, econômica e cultural, pois é no contexto das relações sociais que essas representações vão tomando corpo e se consolidando, chegando, então, a influenciar na maneira de cuidar o corpo, criando imagens subjetivas, muitas vezes estereotipadas, de como o corpo deve ser modelado, tratado, os quais estão intimamente relacionados com os imperativos ditados pela indústria produtora de cosméticos e de produtos de higiene e limpeza para o corpo.

Isso mostra que o mercado é sedutor e que a preocupação com o cuidar do corpo induz ao consumo desses produtos, fazendo com que haja implicações de ordem social e política, pois é o mercado que dita as regras estabelece o que está na moda, o que deve ser usado para compor o visual do corpo. Desse modo, aqueles que não se enquadram nesse padrão passam a ser considerados corpos feios, doentes, exatamente por fugir ao controle dos mecanismos impostos pelo mercado.

Segundo revelou a pesquisa, as mulheres questionadas vêem a limpeza do corpo como algo essencial. A falta de cuidado com o corpo é, para elas, motivo de vergonha, de algo inadmissível sendo fundamental aprender a ter cuidados, a buscar informações que auxiliem na melhora da *performance* de seus corpos.

A melhora na *performance* do corpo faz com que essas mulheres, apesar dos poucos recursos financeiros de que dispõem para gastar, contribui para a elevação da auto-

estima, operando transformações na forma de olhar e sentir o próprio corpo, tendo em mente a imagem da mulher que cuida de si, que emprega os produtos que a indústria de cosméticos disponibiliza no mercado para evitar os sinais do tempo que modificam a estrutura do corpo, para estarem e se sentirem bem.

O simples ato de “tomar um banho bem tomado” (E12:3), representa para essas mulheres, muito mais que um simples ato de higiene. É também um momento de relaxar e de reenergizar o corpo, pois, historicamente, entre os egípcios, o banho era considerado um verdadeiro ritual de purificação e bem-estar corporal. Essas considerações são importantes, haja vista a constatação de que homens e mulheres são pressionados para que correspondam às noções de beleza impostas por instrumentos poderosos, como a mídia, por exemplo.

Daí porque ao afirmar que “gosto muito do meu corpo” (E 10:1) e “eu não gostaria de mudar nada no meu corpo, eu gosto dele assim” (E3:1), as mulheres investigadas demonstram coerência de pensamento, pois elas não estão em busca do corpo perfeito, de uma imagem inalcançável de si mesmas. O fato de “se gostar”, revela que elas não estão distantes de “sentir-se bonita”, por valorizar tudo o que a vida lhes oferece de possibilidade em relação aos seus corpos.

Percebe-se, nessa argumentação, a conotação de um corpo simbólico, um corpo construído para ser visto, admirado, atribuindo-se um sentido histórico aos acontecimentos que alteram a *performance* do corpo que é sempre mutável. Isso faz com que o corpo seja elemento mediador entre o sujeito, o mundo e a vivência relacional deste, sempre dinâmica, estruturada de acordo com os padrões culturais vigentes, conforme destacado anteriormente.

A imagem corporal é própria de cada sujeito e está ligada a sua história, a sua maneira de ver e de relacionar-se com o mundo e com a realidade circundante, baseada nos imperativos sociais e culturais transmitidos de geração em geração. Essa imagem corporal oferece o suporte necessário para a construção dos espaços possíveis de simbolização, nos

quais há um ideal a ser perseguido, deixando uma porta aberta para os ajustamentos que revelam mudanças nos padrões ideais de sociedade, sob pena de negar a dinamicidade da cultura.

REFERÊNCIAS:

ARRUDA, A. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EdUFSC, Especial Temática, 2002.

AZEVEDO, Ana Maria Andrade de. Corpo, fantasia, representação. In: JUNQUEIRA FILHO, L. C. V (org). **Corpo-mente: uma fronteira móvel**. São Paulo: Cães do Psicólogo, 1995, p. 393- 406.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1970

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BRUNHS, Heloísa. **Conversando sobre o corpo**. 5 ed. Campinas: Papirus, 1994.

_____. Corpo feminino na relação com a cultura. In: Romero, E. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.

CAMINHA, Iraguitan de Oliveira. Mulher: “sua” corporeidade e “sua” sexualidade. In: ROMERO, E. **Mulheres em movimento**. Vitória: EDUFES, 1997, p. 23-28.

CARVALHO, Maria Eulina P. de ; PEREIRA, Maria Zuleide da C. **Gênero e educação: múltiplas faces**. João Pessoa: Universitária, 2003.

CHAUÍ. **Repressão sexual: essa nossa dês (conhecida)**. São Paulo: Círculo do livro, 1990.

CODA E SENNE 1985

CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 2005

DURKHEIM, E. **Lês formes élémentaires de la vie religiense**. Paris: Alcan, 1912.

FAST, Julius. **A linguagem do corpo**. Lisboa: Editora 70, 1970.

FIGUEREDO, N. M. A *et al.* Cuidar em saúde: lugar da invenção de um novo paradigma científico. **Ver. Brasil. Enfer.** v 51, n.3, p. 447-56, 1998.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. **Vigiar e punir**. 22 ed. Petrópolis, 2000.

GEBARA, I. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1999.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor, erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GÓES, F. Do body building ao body modification: paraíso ou perdição. In: VILLAÇA, N; GÓES, F; KOSOUSKI E. (org). **Que corpo é esse?** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

GOMES, Betânia do Carmo Rodrigues. **O ensino da educação física**: a voz da comunidade Boa Esperança. João Pessoa, 1997. Monografia (Especialização). Centro Universitário de João Pessoa- UNIPÊ

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir:** corporeidade e educação. 2 ed. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **Sentir, pensar, agir:** corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

HEILBORN, Maria Luiza. Sobre a sexualidade, gênero, corpo e juventude. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (org.). **Gênero, democracia e sociedade.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Editora 34, 2002.

IWANOWICZ, Bárbara. A imagem e a consciência do corpo. In: BRUHNS, Heloísa. **Conversando sobre o corpo.** 5 ed. Campinas: Papirus, 1994.

JODELET, D. **As representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

JOHNSON, Don. **Corpo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

KOFES, Suely. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala. In: BRUHNS, H. T. (org) **Conversando sobre o corpo.** 5 ed. Campinas: Papirus, 1994

KURTZ, R. ; PRESTERA, H. **O corpo revela:** um guia para a leitura corporal. São Paulo: Summus, 1989.

LAQUER, T. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 11.ed. Rio de Janeiro: Zahaar, 1995.

LÉGER, J. M. *et al.* **Psicopatologia do envelhecimento:** assistência às pessoas idosas> Petrópolis: VOZES, 1994.

LUCERO, Nelson A. A. O corpo redescoberto. In: ROMERO, E. (org). **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: Papirus, 1995, p. 43- 54.

MALYSE, S. Em busca do corpo ideal. **Sexualidade, gênero e saúde.** n7, abril [IMS/UERJ], p.12-17, 1998.

MATTOS, José Américo Junqueira de. Do soma para o psíquico em busca do objeto psicanalítico. In: JUNQUEIRA FILHO, L. C. U (org). **Corpo-mente: uma fronteira móvel**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 429-460.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974, v. 2, p. 211-233.

McDOUGALL, J. *et al.* **Corpo e história**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MEDINA, João Paulo. **O brasileiro e seu corpo**. 5.ed. Campinas: Papirus, 1998

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

_____. O olho e o espírito. In: _____. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1989

_____. O filósofo e a sombra. In: _____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOHER DAUÍ, B. Os limites do corpo. **Veja**. Ano 36, n. 9, edição 1792, São Paulo: Abril, 5 mar 2003, p. 66-73.

MONTENEGRO, Maria Tereza Torres. **A educação moral como parte da formação para o cuidado na educação infantil**. São Paulo, 1998. Tese (Doutor). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA, W.W. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. Campinas: Unicamp, 1992.

MORENO, C. A virtulização do corpo. In: VILLAÇA, N; GÓES, F; KOSOUSKI E. (org). **Que corpo é esse?** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse: son image et son public**. Paris: Press Universitaires de France, 1961.

_____. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2004.

PENNA, L. **Corpo sofrido e mal amado:** as experiências da mulher com o próprio corpo. São Paulo: Summus, 1989.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Dois pontos, 1986.

ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Mulheres em movimento.** Vitória: EDUFES, 1997.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPIN, M. J. P. (org). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena:** experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988..

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W.W. (org). **Educação física e esportes:** perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1993.

SILVEIRA, Maria de Fátima de Araújo ; GERALDA, Dulce Maria Rosa. **Mulher, corpo e cuidado:** um ritual de encantamento para a prática de enfermagem. Campina Grande: EDUEP, 2003.

SIVADON, Paul ; ZOILA, Adolfo Fernandez. **Corpo e terapêutica:** uma psicopatologia do corpo. Campinas: Papirus, 1986.

SOARES, C. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____ (org) **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA NETO, Francisco Benjamin. A alma e o corpo na tradição cristã. In: JUNQUEIRA FILHO, L. C.U. **Corpo-mente:** uma fronteira móvel. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 49- 60.

SPINK, M. J. **O conhecimento no cotidiano.** São Paulo: Brasiliense, 1993

VAYER, Pierre; TOULOSE, Pierre. **Linguagem corporal:** a estrutura e a sociologia da ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

VILLAÇA, N.G. **Em pauta:** corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad, CNPQ, 1999.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

TEMA: O CORPO NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES DA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA

PARTE 1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- a) Qual sua idade?
- b) Em que cidade você nasceu?
- c) Quantos filhos você teve?
- d) Qual o seu grau de escolaridade?
- e) Qual sua principal ocupação, atualmente?

PARTE 2- QUESTÕES DA PESQUISA

- a) O que é seu corpo para você?
- b) Quais os cuidados que você tem com seu corpo?
- c) Como foi que você aprendeu a cuidar e a valorizar o seu corpo?

APÊNDICE B

CATEGORIAS

Quadro 1 Corpo como manifestação de vida e existência

Meu corpo é tudo na vida né, prá trabalho, prá andar, pra brincar [...] (E1:1).
Pra mim é tudo né, porque se falta uma mão, se falta um braço né, e como diz é tudo [...] é o meu valor, meu corpo é tudo, sem ele agente não vive. (E6:1)
Meu corpo é tudo, sem ele eu não vivo, não posso andar sem ele... tudo que eu vou fazer eu tenho que levar meu corpo, não posso deixar , né isso? (E5:1)
O meu corpo pra mim é uma máquina que precisa sempre estar se movimentando, acho isso (E4:1)
Me sinto muito bem não, porque me sinto cansada, tenho essas gorduras né? (E1:2)
Eu penso muito assim um dia, eu chegar a ter uma deficiência física, que eu acho que não vou resistir chegar neste momento né, porque o nosso corpo é tão importante em cada detalhe, em cada dedo, as mãos, os braços, as pernas, o corpo em geral é muito importante (E2:2)
Meu corpo pra mim é muito importante, minhas pernas, meus braços, meus olhos, minha boca, tudo o que pertence ao meu corpo é importante para mim (E12:1)
É tudo né, da cabeça aos pés, cabelo, dente, unha, tudo completo (E4:2)
A nossa mente, a nossa cabeça, sem o nosso corpo não é nada (E2:1)
Uma vitrine é templo e morada do Espírito Santo, tem que cuidar e zelar por ele né? Se agente não cuidar, quem é que vai cuidar? (E8:1)
O nosso corpo é tudo na vida né? Porque nós somos templo do Espírito Santo e devemos zelar pelo nosso corpo que é a casa do Espírito Santo habitar. (E11:1)
Eu aprendi [...], uma que eu fui uma pessoa sozinha que não tive mãe, aprendi depois que eu aceitei Jesus. Eu já tinha esses cuidados de cuidar do corpo, depois que eu aceitei Jesus eu aprendi mais a como zelar pela casa do Espírito Santo, aprendi mais a zelar (E11:3)

Quadro 2 Corpo como expressão cultural

De minha pessoa, de minha pessoa, gosto assim é,ninguém nunca me ensinou, nem minha mãe, nem meu pai, assim de minha pessoa mesmo, que eu gosto de estar bem com a vida, tranqüila, saudável, é de minha pessoa mesmo, de mim mesmo, ninguém me ensinou. Televisão, naquele tempo não tinha televisão, agora foi que começou televisão, mas desde o começo foi de minha pessoa mesmo, que gosto de ser assim, andar arrumada, limpa, tranqüila. Aprendi de mim mesmo, dentro dos mato, o caba vai aprender o que? Aprende da pessoa mesmo, da naturalidade, da natureza da pessoa, natural, vem da minha natureza mesmo né, eu gosto de ser, sem ser da cabeça de ninguém,, pela minha cabeça mesmo, gosto de fazer as coisas que eu penso, que eu gosto de fazer [...] (E1:3)
Bem isso é desde o momento que eu era criancinha que minha mãe me ensinava, sempre a cuidar do meu corpo, eu via como ela se cuidava. Também até hoje ela estar com 85 anos, mas é uma senhora muito limpa, tem muita higiene no corpo dela e isso aí eu aprendi com ela, porque agente quando é criança que a mãe estar sempre dando um banho, ta cuidando, penteando os cabelos, escovando os dentes tendo aquele cuidado com nossa pele, então eu acho que eu aprendi com ela. (E2:3)
Eu aprendi com minha mãe, que ela sempre ensinou agente a andar limpo, então tudo que eu sei aprendi com minha mãe. (E3:3).
Bom isso aí, acho que isso aí não tem [...] é, isso aí já vem assim de família né, já veio assim do cuidado de minha mãe, minha mãe me ensinou a me cuidar né? E até hoje eu me cuido bem graças à Deus, do meu corpo, de tudo, tudo, tudo, interno e externo. (E4:3).
Quando eu aprendi a cuidar do meu corpo foi quando eu me entendi de gente. Eu aprendi a tomar banho só, esfregar meus pés, minha mãe que esfregava, mas quando eu partia a tomar banho eu já esfregava, passava a bucha, aí eu vi que o corpo precisava de uma higiene, de uns cuidados melhor, tomar banho, esfregar e botar perfume pra ficar o corpo cheiroso (E5:3).
Televisão, meio de comunicação, revista, minha mãe também orienta. Só não cuida do corpo quem não tem condições, porque quem tem quer cuidar mais. (E8:3)
Eu aprendi com a minha mãe, ela me ensinava agente a chegar, lavar as mãos pra comer, lavar os pés pra dormir, mesmo que já tenha tomado banho, mas tinha que lavar os pés novamente, lavar as mãos e tudo eu aprendi com a minha mãe, a ir chegar em casa, ao amanhecer o dia escovar seus dentes, pentear os cabelos pra poder sair, isso aí eu aprendi com a minha mãe, foi muito importante. (E12:3)
Com a minha mãe, minha mãe sempre ensinava agente tudinho. Minha mãe dava banho na gente, ensinava como tomava banho, como deveria se cuidar, dizia que era muito importante se cuidar né? (E9:3)
Eu aprendi com a minha mãe, ela sempre mim dava ensino né? Desde de criança eu vendo ela me cuidando e assim eu fui aprendendo e peguei as manhas dela e assim eu aprendi. (E10:3)
Minha mãe, desde pequena, minha mãe sempre me ensinou a ter cuidado com o meu corpo. (E7:3)
Depois que me entendi de gente passei a cuidar de mim. Antes, do meu, o corpo quem cuidava era a minha mãe, aí depois que eu fiquei grande já né, aí eu fui crescendo, ela foi me ensinando, aí cuidei de tomar banho, é assim minha fia, lave cuide dos pés, pentear os cabelos, aí ela foi me ensinando e aí eu fui aprendendo com minha mãe. (E6:3)
Eu admiro ele, gosto dele, me sinto bem com ele. Me dou valor, eu não queria mudar nada em cima de mim, nada do meu corpo, eu gostaria de mudar, eu gosto dele assim. (E3:1)
Eu gosto muito do meu corpo, eu gosto dele, é tudo mesmo. (E10:1).
Gosto de me arrumar, de me vestir, uma roupa adequada, roupa arrumada, roupa boa, andar

bonita, gosto de ser bonita. (E1:2)
Eu adoro meus cabelos, as unhas dos meus pés, as mãos todinho. Eu cuido bem deles para que eles fiquem mais bonitos ainda né? Que seja bem bonito mesmo para todo mundo admirar, tomar banho se perfumar e creme na perna. (E9:2)
Eu gosto muito de zelar pelos meus pés, minhas mãos, tomar banho diariamente, assim, ser total mesmo, de vez em quando ir no cabeleireiro dá uma escova. (E10:2)
Queria que ele fosse um pouco mais magrinho né, um pouco mais magro. (E1:2)
Eu cuido bem do meu cabelo, apesar dele não ser tão bom, mas eu cuido tá entendendo? E também tenho muito cuidado com os meus pés, apesar dele não ser tão lindo porque é um 38, mas eu tenho cuidado. (E2:2)
Somente isso que eu não estou achando bom, problema de rachadura nos calcanhar. Quando vou na rua tenho vontade de comprar sapato, tem tantas sandálias bonitinhas que eu queria comprar, tenho vergonha, medo que as pessoas manguem dos meus pés. (E1:1)

Quadro 3 Corpo como prática de cuidado

Eu gosto de andar limpa, andar limpa (E1:2)
A pessoa tem que ter muita limpeza do corpo (E7:1)
Limpar as unhas, cortar as unhas, limpar os cabelos bem lavado no banho, que agente sem tomar um banho, o corpo fica sempre fedorento né? O mais que eu tenho cuidado é dos meus cabelos (E6:2)
É escovar os dentes cortar as unhas, tomar banho pra ficar limpo o corpo e ter bastante cuidado com o corpo né, porque se você passar um, dois, três dias sem tomar banho com certeza ele vai ficar com mal cheiro né?, e agente tem que tomar banho prá conservar o nosso corpo. (E5:2)
Eu [...] todos os cuidados né, a pessoa passa hidratante, tomar um banho, escovar os dentes, todo o cuidado que você tem que ter com o seu corpo, a pessoa tem (E7:2)
Depilar, hidratar, lixar o calcanhar né, tem que hidratar bem, colocar uma basizinha, se não for um esmalte, escovar os cabelos, dá um relaxamento, cuidar. (E8:2)
Só não cuida do corpo, quem não tem condições, porque quem tem quer cuidar mais (E8:3)
Cortar as unhas, sempre lavar os pés, ariar muito os pés, cortar as unhas do pés, das mãos, lavar sempre os cabelos, cuidar do cabelo, ter o máximo cuidado com o nosso corpo né, porque como eu já disse, o nosso corpo é templo do Espírito Santo e o Espírito Santo não habita em templo sujo (E11:2)
O cuidado que eu tenho com o meu corpo, é tomar um banho bem tomado, limpar minhas unhas, limpar os meus pés, lavar meu cabelo bem lavado, limpar meus ouvidos, isso é o que é importante para mim (E12:3)
Devemos zelar sempre, ter cuidado no corpo inteiro, tomar banho todo dia, duas vezes mais ou menos, duas, três vezes ao dia, trocar a roupa, cuidar dos pés, sempre ariar pra não deixar ficar sujeira, cortar as unhas, sempre cuidar né, o nosso corpo é muito importante para nós (E11:1)